

9. RESULTADO DA PESQUISA SOBRE A ATIVIDADE PESQUEIRA NOS MUNICÍPIOS PARTICIPANTES DO PROGRAMA

Os dados foram coletados através de entrevistas com pescadores(as) das 22 cidades do Baixo São Francisco e visitas às colônias das mesmas localidades, de modo a possibilitar a identificação de características técnicas dos aparelhos, embarcações, espécies, bem como dos pescadores e pescadoras da região. Teve como objetivo realizar uma caracterização da pesca do Baixo São Francisco, possibilitando uma atualização do quadro cultural da atividade na região, no que tange à descrição técnica das embarcações, das espécies de pescado e dos diferentes apetrechos de pesca.

A pesquisa foi realizada nos meses de novembro de 2010 a julho de 2011, através de questionários estruturados, aplicados aos pescadores presentes nas oficinas, ou por meio de visita de campo às colônias, atracadouros, barracões, associações e alguns pontos de desembarque e comercialização de pescado. O preenchimento dos questionários foi conduzido de modo a proporcionar um diálogo com o pescador, permitindo a interatividade necessária para um melhor aproveitamento dos saberes dos pescadores. Foram feitos registros fotográficos, os quais alguns serviram de modelo para o desenvolvimento dos desenhos técnicos. Os dados compuseram um banco montado no sistema Microsoft Office Excel, proporcionando armazenamento, visualização, tratamento e análise dos dados, demonstrados por meio de gráficos.

O comprimento das malhas foi descrito em centímetros (cm), comprimento nó a nó opostos, visto que é dessa maneira que a maioria dos pescadores descreve a medida das malhas, ou se referem ao comprimento da malha com medidas corporais, como número dedos ou palma da mão.

O trabalho foi realizado em 22 municípios, 11 em Alagoas (Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Piranhas, Pão de Açúcar, Belo Monte, Traipu, São Brás, Porto Real do Colégio, Igreja Nova, Penedo e Piaçabuçu,) e 11 em Sergipe (Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Porto da Folha, Gararu, Amparo, Telha, Própria, Santana de São Francisco, Neópolis, Ilha das Flores e Brejo Grande).

9.1 As associações de pesca do Baixo São Francisco

No presente trabalho, estimou-se que há atualmente no Baixo São Francisco (BSF) cerca de 21.500 pescadores artesanais profissionais, locados em 20 Colônias de pescadores, segundo dados aproximados das mesmas. Aproximadamente 70% delas possuem computadores com acesso à internet, nos quais são realizados serviços administrativos, como emissão de carteiras de associado, “arrolamento” (registro) das embarcações junto à Capitania dos Portos de Penedo, além de cadastramento e verificação de liberação para o seguro defeso, junto ao ministério da Pesca. 30% das colônias possuem um “mercado do peixe”, e mais 9% possuem projeto para a implantação de tal estrutura.

9.2 As embarcações

De fundamental importância para a pesca, as embarcações servem também para que famílias de pescadores se desloquem de uma localidade para outra sendo, portanto, também, importante para a interação entre localidades, comunidades e municípios. As Festas de Bom Jesus dos Navegantes são importante exemplo dessa interação, pois essa manifestação religiosa acontece nos principais municípios em datas diferentes, possibilitando um intercâmbio entre comunidades. Durante o evento, ocorre também a tradicional corrida de canoas (Figura 9.1).



Figura 9.1 Corrida de canoas no Povoado Brejão, município de Ilhas das Flores – SE
Foto: Ricardo Pereira, 2011.

Durante as corridas de canoas, as colônias permanecem fechadas nos domingos de reunião, por ocasião das festas de Bom Jesus dos Navegantes. Segundo pescadores, as reuniões com os associados podem ser suspensas nos dois primeiros meses do ano, e os associados são incentivados a participarem das festas que ocorrem em diferentes cidades da região.

Espalhadas pelos portos das cidades, as embarcações pesqueiras do BSF chamam a atenção pelas cores e detalhes (Figura 9.2). Porém, apenas olhos habituados podem identificar o que as diferencia.



Figura 9.2. Barcos no porto da cidade de Penedo. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

A canoa é mais rica em detalhes e “mais ligeira” (possui melhor hidrodinâmica). Segundo os pescadores: “sua madeira é bruta, seu casco é inteiro” (a madeira do casco é fixada longitudinalmente nos bordos), e possuem alças internas, chamadas de “caverna”, que servem para dar mais firmeza na fixação do casco nos bordos (Figura 9.3).

Caverna



Figura 9.3 Canoa no porto do município de Traipu. Foto Ricardo Pereira, 2011.

Segundo pescadores e mestre da região, os barcos são mais simples, geralmente não possuem caverna, são mais fáceis de fazer e, conseqüentemente, mais baratos. Há barcos que podem ter cavernas, a depender do comprimento do mesmo e do mestre artesão que o faz. Porém, são mais comuns os barcos sem cavernas, como mostrado na figura 9.4.



Figura 9.4 Barco simples sem caverna, em Belo Monte. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

E quanto aos barcos com caverna? A Figura 9.5, que foi tirada em um barracão na cidade de Penedo, trata-se de um barco com fundo inteiro e caverna, segundo o mestre local. Porém, as cavernas são de 4 quinas, ou seja, a caverna dos barcos possuem forma retangular, enquanto as canoas possuem forma circular.



Figura 9.5 Barco com caverna e fundo fixado longitudinalmente. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

Outro detalhe na construção das embarcações, comum aos dois tipos (barco e canoa), é quanto à forma da popa, que podem ser “rombeada” (Figura 9.6) ou “fundo de caçola” (Figura 9.7).



Figura 9.6: Popa de fundo “rombeado”. Foto: Ricardo Pereira, 2011.



Figura 9.7: Popa de barco de fundo de “caçola”. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

Há também os barcos de duas proas (também chamados de botes), registrados no município de Delmiro Gouveia (Figura 9.8). Todos os barcos podem também ser chamados de bote, no entanto, os botes registrados a montante da barragem de Xingó são bem distintos, dada a condição de águas represadas e melhores adaptados ao uso do remo.



Figura 9.8. Barcos de duas proas. Foto: Igor da Mata, 2011.

É também importante citar que, pelo preço da madeira usada para a fabricação dos barcos serem menor, a mão de obra ser mais barata e o serviço menos complexo, há mais barcos do que canoas (67% barcos e 33% canoas). Entre os pescadores entrevistados, foi traçado um perfil dessa distribuição, no qual algumas cidades já não contam com embarcação do tipo canoa (Figura 9.9), embora tal resultado não signifique completa ausência de canoas.

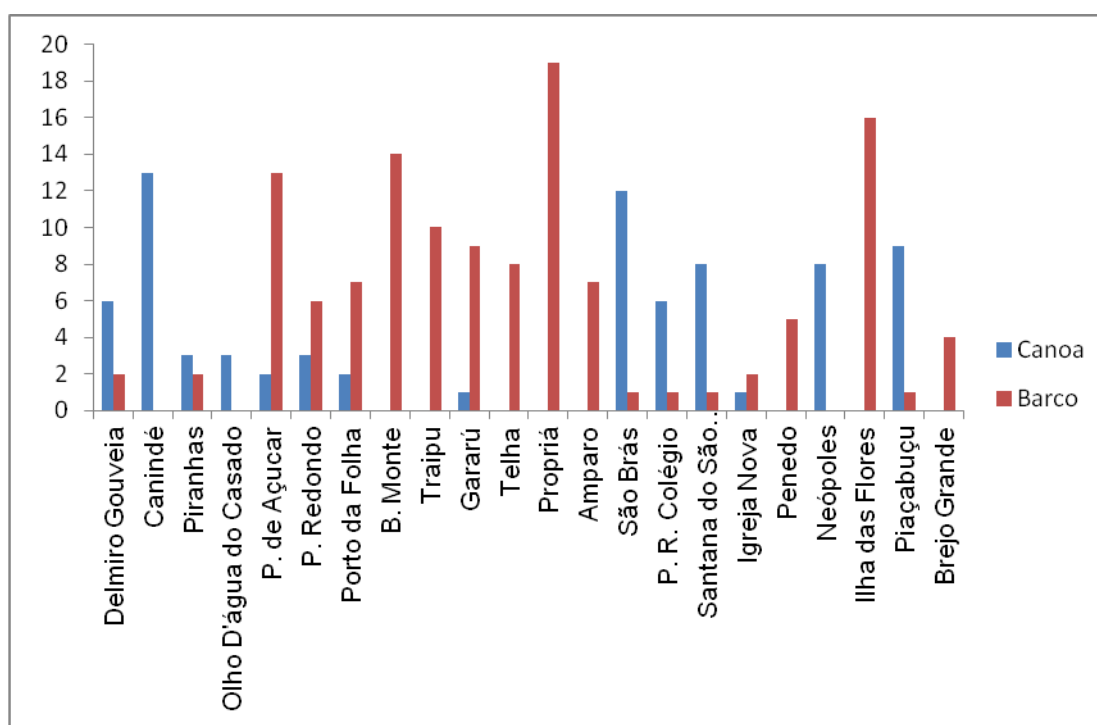


Figura 9.9: Distribuição dos principais grupos de embarcações no BSF.

Quanto à propulsão, a maioria das embarcações do BSF é movida a motor (53%) (Figura 9.10), pois proporciona ao pescador a mobilidade necessária para o deslocamento em busca de pontos mais calmos, livres de concorrência e depredação das artes de pesca, além de constituir muitas vezes, também, um meio de transporte.

Mesmo que haja barcos movidos exclusivamente a remo (38%), é natural que o remo não seja segregado da atividade, pois o mesmo serve para conduzir os barcos a motor ou vela em áreas rasas ou serve de instrumento para que o pescador afaste o barco da margem.

A vela (Figura 9.10) em formato quadrado tem presença marcante na vida dos pescadores do BSF, sendo ainda nos dias atuais o tipo de propulsão de 9% das embarcações.



Figura 9.10: Barcos movido à vela em Piaçabuçu-AL, região do BSF. Foto: Igor da Mata, 2011.

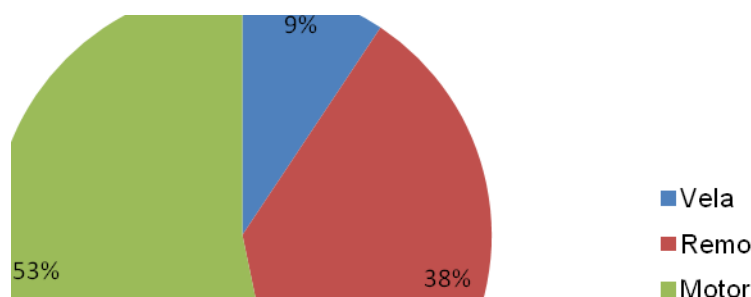


Figura 9.11: Distribuição das embarcações do BSF quanto à sua forma de propulsão.

9.3 Espécies capturadas no BSF

Soares (2011) descreve as espécies desembarcadas na cidade de Penedo, registrando 22 espécies, entre as quais predominou a xira (percentual médio de 40%) e do piau (22%). No presente trabalho, os resultados confirmaram a predominância da xira e do piau na região,

entre as 28 espécies de peixe, e três de camarão mencionadas no presente trabalho. A xira (*Prochilodus argenteus*) foi a espécie mais mencionada como espécie alvo de pesca ao longo do Baixo São Francisco (28%), seguida pelo piau (22%) (Figura 9.12), lembrando que, segundo Soares (2011) esse nome designa diversas espécies pertencentes ao gênero *Leporinus*. O tucunaré (*Cichla spp.*) representou um percentual relativo de 13%, a tilápia (*Oreochromis niloticus*) com 6% e o robalo (*Centropomus parallelus*), a pilombeta (*Anchoviella vaillanti*), a traíra (*Hoplias microcephalus*) e a piranha (*Pygocentrus piraya*), obtiveram uma frequência relativa de 5%, cada uma delas. A piaba (*Characidae*) e o cará (*Geophagus brasiliensis*) obtiveram 2% de ocorrência. A carapeba (*Eucinostomus melanopterus e Eugerres brasilianus*), o camurim (*Centropomus undecimalis*), o pacu (*Myleus micans*), a pescada branca e a corvina (*Pachyurus Spp.*) atingiram 1% cada. As outras espécies totalizaram 2%, somando-se espécies como bagre (*Bagropsis reinhardtii*), cara-boi (*Astronotus ocellatus*), cari (*Rhinelepis aspera*), mandi (*Pimelodus maculatus*), camurupim (*Megalops atlanticus*), pirambeba (*Serrasalmus brandtii*), tubarana (*Salminus hilarii*), tainha (*Mugil spp.*), aragu (*Curimatella lepidura*), tambaqui (*Colossoma macropomum*), cascudo (*Loricariidae*) e surubim (*Pseudoplatystoma coruscans*).

As principais espécies de crustáceos mencionadas foram o camarão (*Macrobrachium acanthurus*) e o camarão pitu (*Macrobrachium carcinus*).

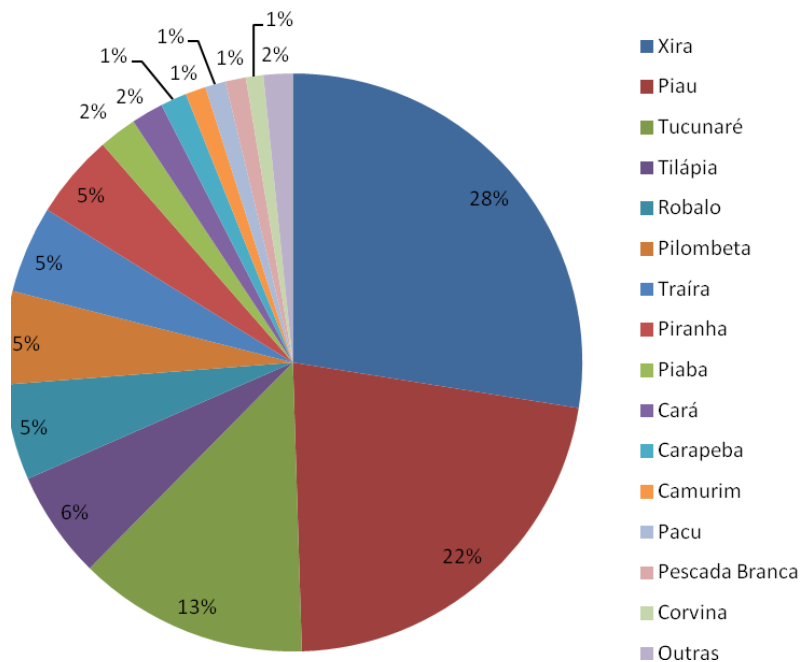


Figura 9.12. Percentual relativo das principais espécies alvo da pesca no Baixo São Francisco.

Como observado por Costa-Neto (2002), o peixes são classificados pelos pescadores por “sequencialidades”, conforme seu tamanho e evidências morfológicas. A xira, por exemplo, recebe o nome de bambá quando menor, podendo ser chamada também de “crumatá” (curimatã), ou curimatã-pacu em outras regiões. A tilápia também foi chamada de “chulapa” durante o presente trabalho, e o pacu de “CD”, devido ao seu formato arredondado. Em Ilhas das Flores, segundo os pescadores, o camurim é diferente do robalo, pelo tamanho das escamas e o comprimento do peixe, referindo-se ao robalo peva (*Centropomus parallelus*) em relação ao robalo flecha (*Centropomus undecimalis*).

9.4 Os apetrechos de pesca no BSF

No presente trabalho, foi evidenciada a predominância da pesca com redes de emalhar ao longo do Baixo SF (Figura 9.13) utilizada na pesca profissional, praticada quase que exclusivamente por homens.

A linha de mão obteve frequência relativa de 19%, e em muitos casos pescadores afirmam que o pescado capturado com essa arte “é mais pra comer em casa” caracterizando-se como apetrecho para a pesca esportiva e de subsistência, ao mesmo tempo como complementação da renda de outra arte praticada, sendo, portanto, uma segunda arte no cotidiano do pescador.

A tarrafa ocupa o terceiro lugar com 18% e não é difícil encontrar pescadores amadores ou aposentados em áreas de fácil acesso, ou seja, áreas rasas com pouca declividade e próximas às cidades e/ou povoados. A tarrafa também, muitas vezes, é utilizada como arte de pesca complementar aos pescadores, sendo, por vezes, praticada nos finais de semana, quando o pescador, muitas vezes, não sai para pescar com rede de emalhar (p.ex.), na obrigatoriedade de realizar capturas consideráveis.

Vara e anzol vêm logo em seguida (13%) e mesmo não sendo a mais importante no ponto de vista econômico, é praticada por homens, mulheres e crianças, caracterizada pelo uso de materiais de maior acessibilidade (vara de bambu linha e anzol). Por outro lado, materiais de fibra sintética, molinete e iscas artificiais são bastante comuns (especialmente em Delmiro Gouveia) e cada vez mais utilizados.

Diante da escassez de crustáceos registrada pelos pescadores de Penedo, Propriá, e São Brás, a prática de pesca com covo no BSF alcançou frequência relativa de 10%, o que fez da mesma a quinta arte de pesca mais praticada na região, seja na captura de camarão comum (*Macrobrachium spp*), de camarão pitu (*Macrobrachium carcinus*) ou de piau (*Leporinus sp.*).

A pesca com jereré, na sequência (5%), pode explicar o observado acima, pois é com ela que se pesca a “saborica” (pequenos camarões de água doce) junto à vegetação que serve de abrigo para a espécie contra predadores. Essa pesca, portanto, aplica esforço de pesca sobre um ou mais estoques juvenis desses crustáceos dulciaquícolas, impedindo que consideráveis indivíduos alcancem a vida adulta.

A rede de arrasto apresentou frequência relativa de 3% e, segundo informações obtidas, não é praticada por pescadores profissionais. A groseira obteve 2% e se destacou no município de Pão de Açúcar.

A rede de calão é um aparelho de pesca da categoria das artes envoltentes arrastantes, assim como o arrasto de praia. No Baixo SF, é significativo o número de pescadoras que fazem o uso desse apetrecho, também para a captura da saborica.

Mesmo com grande relevância cultural, o cuvu não alcançou 1% de ocorrência nos relatos de uso por parte dos pescadores. O seu uso só foi constatado nos municípios de Propriá e São Brás.

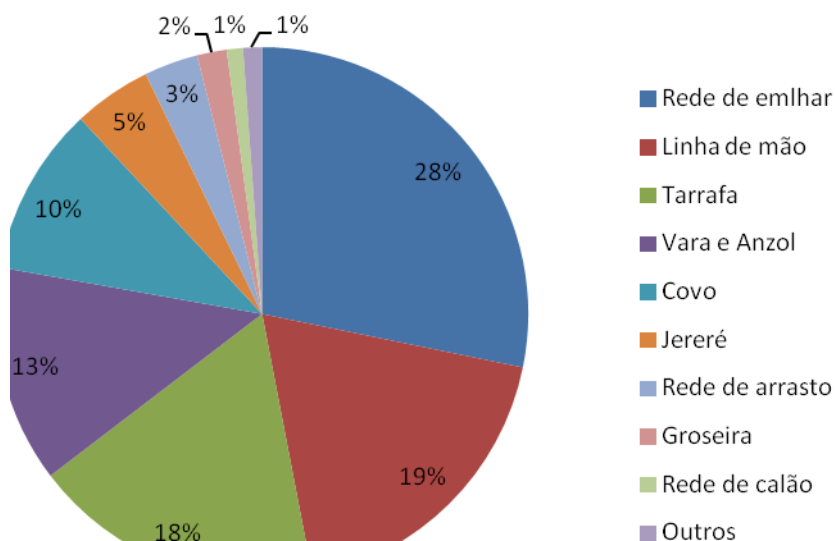


Figura 9.13. Frequência relativa de uso dos apetrechos de pesca no BSF.

Entre os problemas mencionados pelos pescadores, a pesca no baixo SF enfrenta principalmente a pesca predatória, especialmente na forma da pesca de batida e no desrespeito ao período de defeso, atividades estas que precisam de fiscalização, segundo os próprios pescadores. Com relação ao defeso, alguns afirmam que consideram o período ainda não é suficiente, visto que em março são capturados muitos peixes ovados.

As cercas das propriedades que adentram o rio, além de desrespeitar a legislação, também restringem tradicionais áreas de pesca e causam prejuízos por perda de material de pesca.

9.5 Descrição da Pesca por Município

Delmiro Gouveia

A colônia de pescadores de Delmiro Gouveia (Z-26) possui atualmente cerca de 300 associados. É presidida atualmente pelo Senhor Antônio Gomes de Souza. A colônia Z-26 não possui peixaria. Possui 01 computador e as reuniões com associados acontecem mensalmente.

Foram entrevistados 8 pescadores, dos quais 75% utilizam canoa e 25% barcos. As embarcações possuem comprimento médio de $5,37 \pm$ (desvio padrão) $0,70$ m. Quanto à propulsão, 71% são movidas a remo e apenas uma possuía registro.

A corvina é a principal espécie capturada por 31% dos pescadores de Delmiro Gouveia, seguida por pescada branca e tucunaré (25% cada) (Figura 9.14). O pescado é conservado, em gelo, a bordo das embarcações de 62% dos pescadores entrevistados. Os pescadores trabalham em média $4,66 \pm 1,96$ dias/ semana.

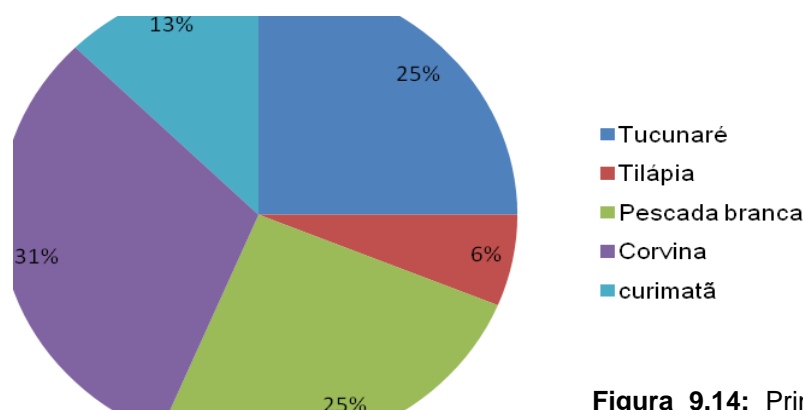


Figura 9.14: Principais espécies capturadas em Delmiro Gouveia.

Segundo os pescadores, Delmiro Gouveia foi um dos municípios mais afetados na pesca, pela construção da U.H.E. de Xingó, devido à sua localização logo acima da mesma. Com isso, houve uma mudança brusca no ambiente, passando de lótico para lêntico. Com o consequente aumento da profundidade, os pontos de pesca foram alterados, bem como a composição das capturas. Antes, era frequente a captura da tubarana e outros peixes de alto valor comercial. Atualmente, as capturas predominantes são de peixes comuns de águas mais calmas (represadas) como scianídeos (corvina e pescada) e ciclídeos (tilápia e tucunaré) que, no entanto, não apresentam bom valor de venda.

Uma possível solução para amenizar esse impacto econômico causado à pesca em Delmiro Gouveia seria a realização de estudos de prospecção pesqueira com vistas à posterior capacitação dos pescadores para atuar com outros tipos de aparelhos de pesca, capazes de realizar capturas em maiores profundidades, desde que identificada ocorrência e viabilidade da captura de espécies potenciais para a região em prospecções, como espinhéis, adaptados às condições operacionais da pesca local.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Delmiro Gouveia

A Tarrafa é usada por cerca de $\frac{1}{4}$ dos pescadores entrevistados, tendo como espécie alvo a curimatã, o mandi, a corvina, a tilápia e o tucunaré. Os pescadores de tarrafa, geralmente fazem uso da mesma como pesca complementar.

Entre as malhas encontradas nas redes de emalhar dos pescadores de Delmiro, 14 e 20 cm (medidas nó a nó opostos), são as mais frequentes. Com a rede de emalhar, diante dos dados coletados, não foi possível fazer uma relação segura com as espécies alvo, visto que uma única malha é relacionada a mais de uma espécie, pois a forma e altura do peixe em relação ao tamanho da malha determinam a seletividade desse aparelho.

Um dos pescadores entrevistados faz uso do jereré, podendo ser tecidos em linha de nylon ou em linha de algodão, no qual, a espécie alvo é o camarão pitú.

Todos os entrevistados fazem uso da linha de mão, PA monofilamento (*nylon*) com 0,20, 0,30, 0,40, e 0,45 mm de diâmetro. A isca mais usada é o camarão comum, com 78% dos entrevistados, tendo como principal espécie alvo a corvina (55% dos relatos).

Na pesca com vara e anzol praticada em Delmiro Gouveia são usadas, principalmente, iscas artificiais. A principal espécie capturada com essa arte é o tucunaré.

Pode-se observar a predominância da linha de mão (40%), seguida pela rede de emalhar (30%), vara e anzol (15%), tarrafa (10%) e jereré (5%) (Figura 9.15).

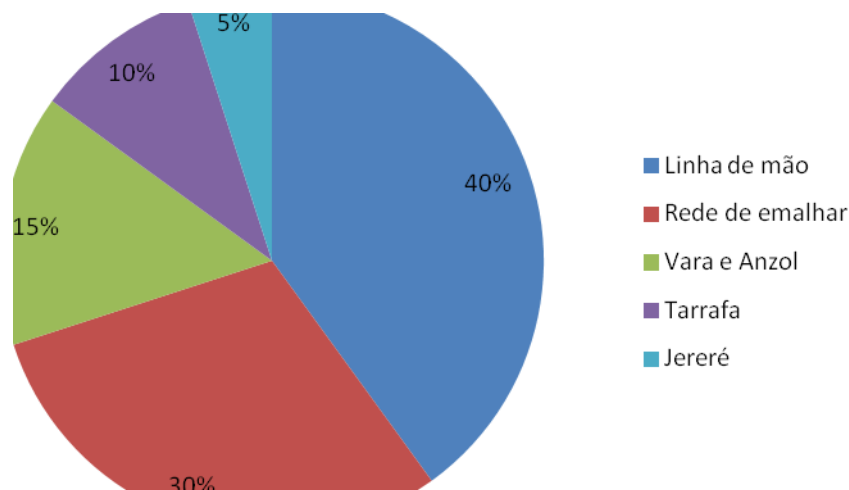


Figura 9.15: Frequência relativa dos apetrechos no Município de Delmiro Gouveia

Canindé do São Francisco

A Colônia de Canindé (Z-15) possui cerca de 400 pescadores associados, de acordo com o secretário da mesma. Possui peixaria e também compra o pescado dos pescadores. Apresenta sede própria e as reuniões ocorrem mensalmente com a participação assídua de 260 pescadores.

Foram entrevistados 14 pescadores, todos residentes no município, com idade entre 20 e 62 anos (11 pescadores e 3 pescadoras). Entre os associados (13 pescadores) foram entrevistados o secretário, o tesoureira e o 1º fiscal da colônia de pescadores Z-15. 50% dos entrevistados recebem ou receberão seguro defeso.

Todos os pescadores entrevistados possuem embarcação própria, das quais, somente 33% são registradas. Construídas no baixo São Francisco, seu comprimento médio é de $5,44 \pm 2,18$ m e o principal tipo de propulsão é o remo (62%).

O piau é a principal espécie capturada (19%), seguida da xira, do tucunaré, da tilápia, da traíra (18%, 16%, 12% e 8%, respectivamente). Entre as demais espécies capturadas, destacam-se, ainda, o mandi, a piaba e o dourado (Figura 9.16).

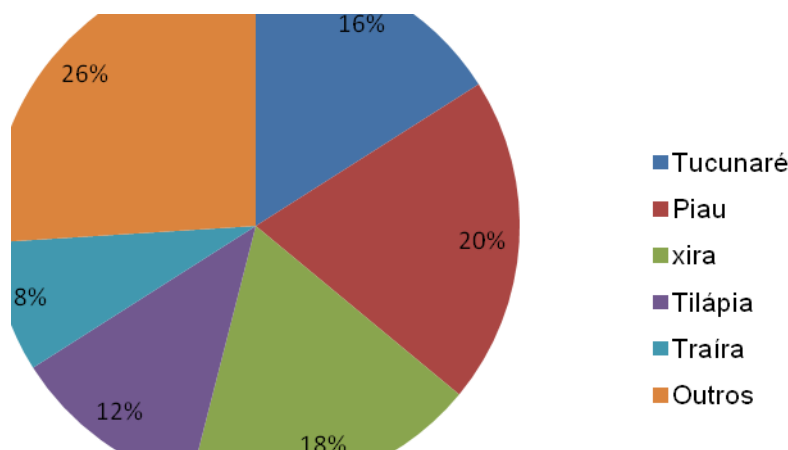


Figura 9.16: Principais espécies capturadas pelos pescadores de Canindé.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Canindé

A tarrafa é utilizada por 71% dos pescadores entrevistados, dos quais 28% trabalham com malha 2 cm, media nó a nó, relacionada à pesca do piau, espécie mais representativa nas capturadas do município. A malha 4 cm foi relacionada à captura de xira, tilápia e robalo; a malha 12 cm foi relacionada à pesca da xira, dourado, tambaqui e outros.

A rede de emalhar é utilizada por 71% dos pescadores entrevistados em Canindé. A malha mais utilizada é a 14 cm, relacionada à pesca da xira, dourado, mandi, piau e traíra. O surubim foi relacionado à pesca com rede de malha 8 cm e a corvina relacionada à malha de 2 cm.

A rede de arrasto foi relatada apenas por um pescador, tendo como alvo a xira a bambá a tilápia e o piau. O jereré também foi citado no município.

A pesca com covo é praticada por 64% dos pescadores entrevistados, sendo os materiais para a confecção, garrafa PET, PVC e tala de bambu. A isca mais usada é a minhoca, o

coco e o bolinho de farinha, tendo sido relatados, também, o uso da piaba, da ração para peixe, caçote (Rã), caramujo, etc. As espécies alvo são camarão comum e camarão pitu.

A linha de mão é utilizada por 93% dos pescadores, com diâmetro de 0,30, 0,40, 0,50 mm. O uso da minhoca como isca está relacionado à captura do piau, do mandi e da piaba; a isca artificial pesca principalmente o tucunaré; o “grude” de farinha de mandioca relaciona-se à pesca da piaba, do piau e da tilápia. O camarão é o segundo tipo de isca mais utilizada e relaciona-se a captura do dourado, mandi.

Quanto à principal arte de pesca utilizada em Canindé de São Francisco, a pesca com linha de mão apresentou maior frequência relativa (24%). Vara e anzol obtiveram 20% seguida da rede de emalhar e da tarrafa, ambas com 18%. O covo para pitu também apresenta ainda certa importância (16%) (Figura 9.17).

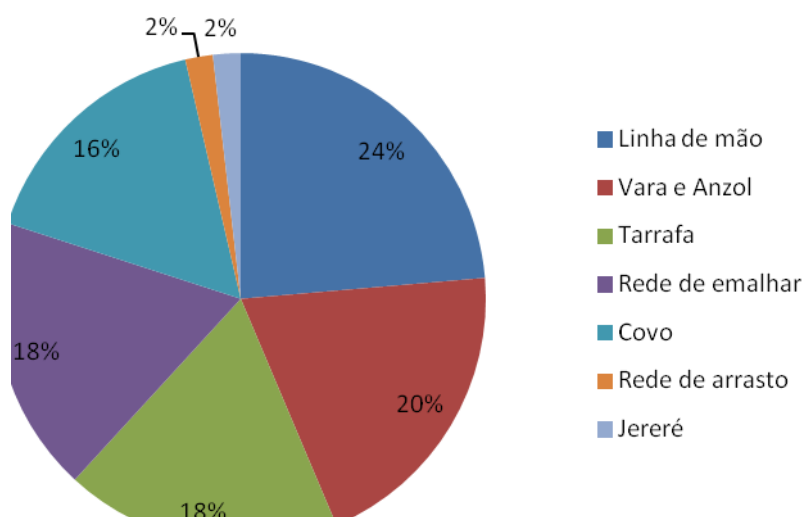


Figura 9.17: Frequência relativa dos apetrechos em Canindé

Piranhas

A colônia de Piranhas, Z-30 (“A Sertaneja”), fica localizada na Rua Santo Antônio, s/nº. A sede é própria, conta com cerca de 200 pescadores associados, dos quais todos recebem seguro defeso. Apenas um dos associados não reside no município de Piranhas. A colônia possui somente um computador sem internet para uso interno.

Em Piranhas foram entrevistados 5 pescadores. Todos residentes na mesma, com idades entre 35 e 58 anos ($42 \pm 9,61$). Todos são associados à colônia

Todos os pescadores entrevistados utilizam embarcações próprias, de madeira, construídas e reparadas no BSF. O comprimento das embarcações apresentam $6,14 \pm 2,12$ m, em média e são movidas 44% à vela, 33% por motor de rabeta com 5,5 HP de potência e 23% utilizam exclusivamente o remo (Figura 9.18).



Figura 9.18: Embarcação movida a motor de rabeta em Piranhas. Foto: Priscila Rezende, 2011.

O piau e a xira representam a espécie alvo de 54% dos pescadores entrevistados (27% cada), seguidos pela tilápia 18%, tucunaré, camurupim e piaba (Figura 9.19).

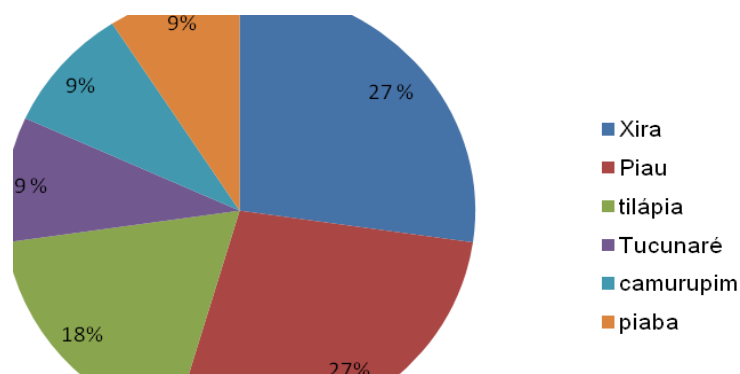


Figura 9.19. Principais espécies capturadas na cidade de Piranhas.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Piranhas

Todos os pescadores entrevistados em Piranhas fazem uso da tarrafa, cujas principais malhas são: 8 e 12 cm, medidas nó a nó oposto. A espécie mais relatada como alvo desse apetrecho foi o piau (33%), seguido do bambá e do cari (25% cada). A maioria dos pescadores não confeccionam suas tarrafas, compram-na no comércio e todos a consertam pessoalmente quando necessário.

A Rede de emalhar é o aparelho de pesca utilizado por 100% dos pescadores entrevistados em Piranhas. Com comprimento de malha predominantes de 12 e 14 cm, as espécies mais citadas como alvo foram bambá 25% e piau 25%. 60% dos pescadores compram no comércio suas redes e todos consertam as mesmas quanto necessário. Assim, a rede de emalhar e a tarrafa são as principais artes operadas no município.

Na pesca com jereré, a malha utilizada é a 1,2 cm. O material empregado para sua confecção é a linha de algodão. Utilizada nos meses de fevereiro a junho (meses em que a captura do pitu é mais abundante). Confeccionado pelo mestre artesão e consertado pelo próprio pescador.

Os covos são feitos em telas de polietileno, talas de bambu, canos de PVC ou garrafas PET. As principais iscas são: minhoca, peixe, gia, bolinho de farelo de arroz etc. O camarão pitu é a principal espécie alvo, o que, segundo os pescadores, não impede de vez ou outra, ser capturado um peixe.

Linha de mão: A única linha de diâmetro mencionada foi a de 0,40 mm. Das espécies mais citadas, o dourado foi lembrado por 50% dos pescadores seguido da tubarana e do tucunaré com 25% cada. As iscas comumente utilizadas pelos pescadores são: a minhoca, o piau preto e a piaba.

Vara e anzol: A vara de bambu foi citada em dois casos e apenas um dos entrevistados utiliza molinete. As iscas citadas foram minhoca, caramujo, artificial, piaba e massa, todas na mesma proporção. A espécie alvo dessa pescaria é o piau cotia.

Através do gráfico de frequência relativa (Figura 9.20) é possível observar que o uso da tarrafa e da rede de emalhar obteve a mesma relevância, alcançando 31% cada uma.

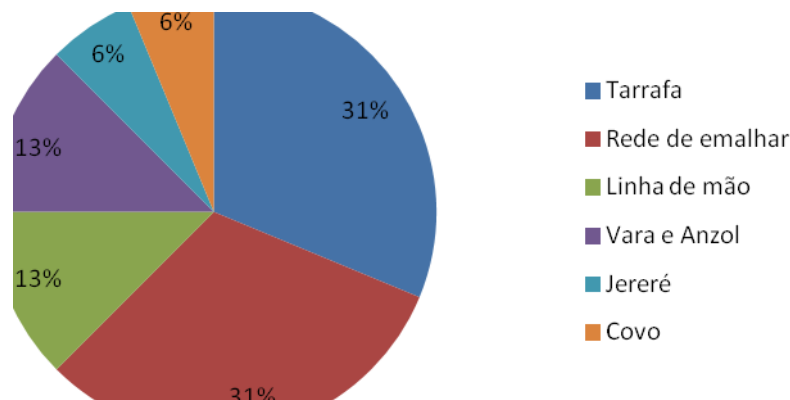


Figura 9.20: Frequência relativa dos principais apetrechos utilizados no Município de Piranhas.

Olho d'Água do Casado

Em Olho D'água do Casado foram entrevistados 3 pescadores. Com idades entre 20 e 56 anos. No município não há colônia formada, pois grande parte dos pescadores residentes nesse município é filiado à colônia de Delmiro Gouveia, havendo apenas uma associação de pescadores no município.

Entre os pescadores entrevistados, 100% utilizam canoas de madeira, construídas e reparadas no BSF, e de propriedade dos mesmos. O comprimento médio das embarcações é de $3 \pm 1,41$ m, todas movidas a remo, com 1 ou 2 pescadores/barco.

A distribuição dos principais peixes capturados é bem clara no município. Segundo os pescadores entrevistados, a pescada branca representa 40% do pescado, e os outros 60% são divididos entre a xira, o tucunaré e a traíra, todos com 20% dos casos. Importante notar que 60% do pescado são representados por espécies exóticas (Figura 9.21). A conservação do pescado a bordo, em gelo, é praticada por 66% dos pescadores entrevistados.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Olho d'Água do Casado

A tarrafa é frequentemente usada por 33% dos pescadores entrevistados. As malhas mais utilizadas são 7 e 8 cm, medidas nó a nó oposto e são diretamente relacionadas a pesca da corvina, pacu e bambá.

A linha de mão também é uma arte de pesca utilizada pela maior parte dos pescadores entrevistados (33%). As linhas mais usadas são de 0,40 mm, utilizada para a pesca da corvina e 0,25 mm para a pesca do tucunaré. A isca mais citada foi o camarão com 67% e piaba 33%. Sendo essa arte de pesca utilizada o ano todo pelos pescadores. O tucunaré e a corvina, com 40% cada, representam as principais espécies alvo e em seguida, a tilápia com 20%.

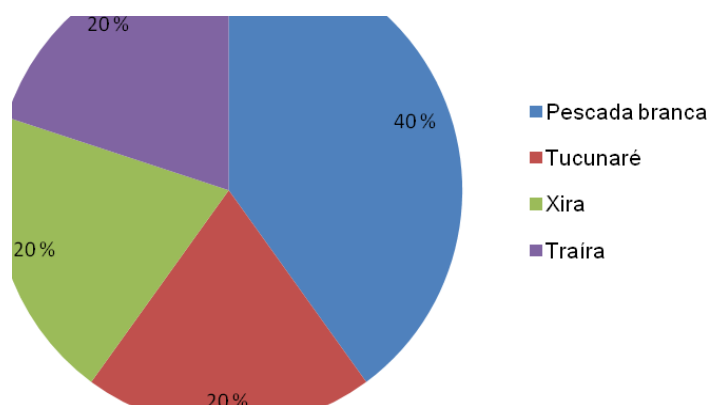


Figura 9.21: Principais espécies alvo capturadas no município de Olho d'Água do Casado.

Direcionada as mesmas espécies da arte acima relacionada, o uso da rede de emalhar apresenta-se com 17% da frequência relativa, seguida do uso de covos que apresentou mesmo percentual. (Figura 9.22). Os covos são confeccionados de garrafa PET e utilizados o ano todo na captura de camarão e piaba. Para tal, os pescadores colocam a arte na água no final da tarde e os retira na manhã seguinte.

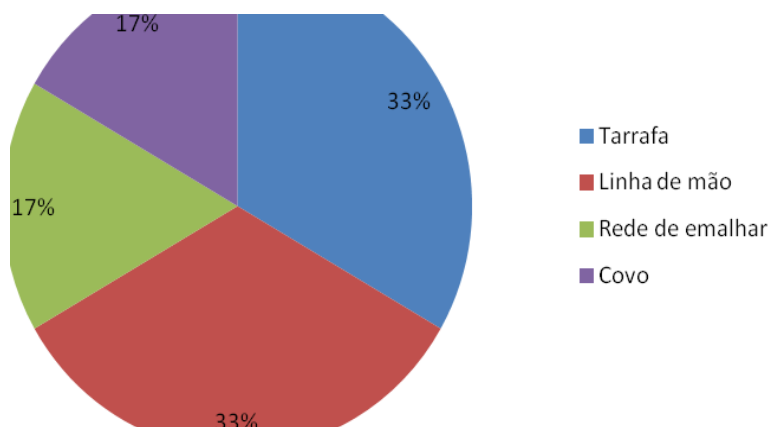


Figura 9.22: Principais apetrechos de pesca utilizados em Olho d'Água do Casado.

Pão de Açúcar

A Colônia de pescadores de Pão de Açúcar, Z-20, possui 650 pescadores registrados, destes cerca 550 recebem seguro defeso, segundo informações da colônia. Os pescadores registrados residem no próprio e Povoado Entremontes (município de Piranhas).

A colônia possui peixaria, mas não apresenta fábrica de gelo. Possui sede própria, um computador com acesso a internet e as reuniões acontecem semanalmente.

Foram entrevistados 15 pescadores com idades entre 29 e 81 anos, dos quais apenas 6% não são associados à Z-20.

As embarcações utilizadas pelos pescadores entrevistados são, principalmente, construídas e reparadas por carpinteiros navais da cidade (Figura 9.23) com comprimento médio de 7,91 \pm 0,96.



Figura 9.23: Carpinteiro da Cidade de Pão de Açúcar projetando uma peça de barco. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

Apenas 13% dessas embarcações são movidas exclusivamente a remo, e o restante (87%), faz uso de motores de 5,5 a 9 HP de potência, seja de rabeta ou de centro (Figura 9.24).



Figura 9.24: Foto de barco movido a motor de centro. Foto: Igor da Mata, 2011.

Os pescadores entrevistados em Pão de Açúcar capturam principalmente o Piau (31%) e a xira (27%) (Figura 9.25). Em proporção menor é pescado o mandi a traíra e o carí, incluídos na figura 12 no item outras. A bordo, esse pescado é conservado em gelo por 70% dos pescadores.

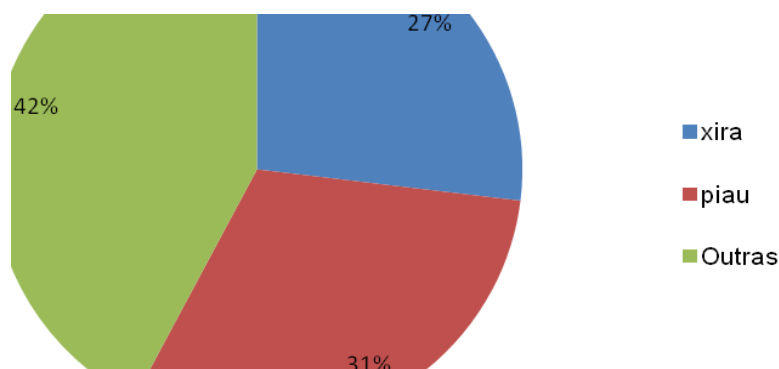


Figura 9.25: Principais espécies capturadas em Pão de Açúcar.

Os pescadores de Pão de Açúcar dispõem de um mercado do peixe (Figura 9.26) com balanças para pesar o pescado e um freezer para conservar a sobra da comercialização.



Figura 9.26: Mercado do peixe da cidade Pão de Açúcar. Ricardo Pereira, 2011.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Pão de Açúcar

Entre os pescadores entrevistados, 47% utilizam tarrafas destinadas a captura, principalmente da xira, do piau, do tucunaré e do carí. As malhas mais encontradas são as de 10 e 12 cm, medidas entre nós opostos.

As Redes de emalhar de caceia ou travessia são dirigidas a pesca da xira e do piau por 80% dos pescadores. As malhas variam entre 7 cm e 14 cm, medida entre nós opostos, a malha 14 cm também é chamada pelos pescadores de “mão de trevesa”, dada a medida de 4 dedos.

As linhas de mão podem medir entre 0,40 a 0,100 mm de diâmetros, são usadas por 67% dos pescadores entrevistados e são destinadas à pesca, principalmente do piau, da tubarana, do robalo e do mandi. Além do método comum, embarcado ou sentado à margem, os pescadores fazem corrico, ou seja, saem arrastando a linha amarada ao barco em movimento.

Apenas 6% dos pescadores utilizam covos. Fabricados em vara de marmeleiro, com iscas de coco e pedaços de peixe, destinados a pesca do camarão pitu.

Vara e anzol são usados por 27% dos pescadores entrevistados, e são destinadas a captura de piranha, pacu, xira e tubarana. A minhoca é a isca mais usada, seguido pelo caramujo e de peixes pequenos.

A groseira do chão para capturar piau é usada por 20% dos pescadores.

Relativamente, a frequência do apetrecho principal utilizado pelos pescadores de Pão de Açúcar, a rede de emalhar alcançou maior percentual (31%), seguida da linha de mão (24%) e da tarrafa (21%) (Figura 9.27).

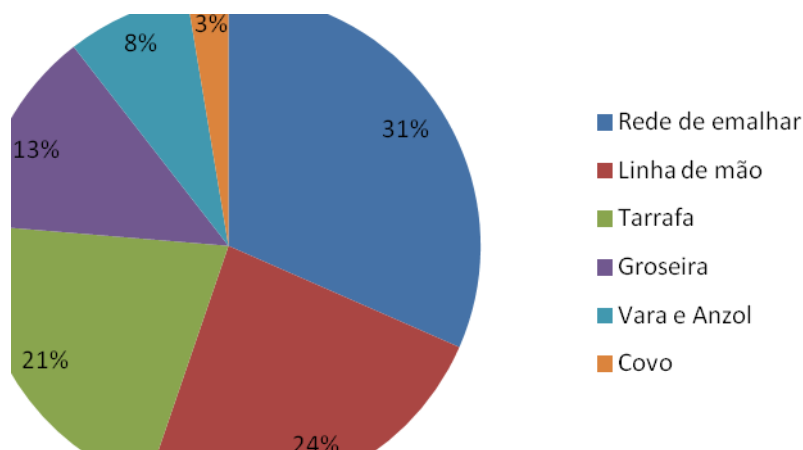


Figura 9.27: Principais apetrechos de pesca utilizados em Pão de Açúcar.

Poço Redondo

Em Poço Redondo, foram entrevistados 9 pescadores associados a colônia local Z-21, todos residentes no povoado Curralinho, com idades entre 21 e 49 anos.

Entre os pescadores entrevistados 67% utilizam barcos (Figura 9.28), também chamados de bote, e 33% utilizam canoas. Todos de madeira, construídos e reparados no BSF. 100% utilizam embarcação própria. O comprimento médio das embarcações chega a $5,52 \pm 2,35$ média de metros e são movidas principalmente por motor de rabeta com 5,5 HP de potência.



Figura 9.28: Barcos de pesca no Povoado Curralinho, Poço Redondo. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

As principais espécies alvo da pesca são: xira (40%), piaus (piauí cutia, piauí preto e piauí branco, com 30%), tucunaré e robalo (10%). O item outro é composto pelas espécies: tubarana, piaba e camarão pitu (Figura 9.29).

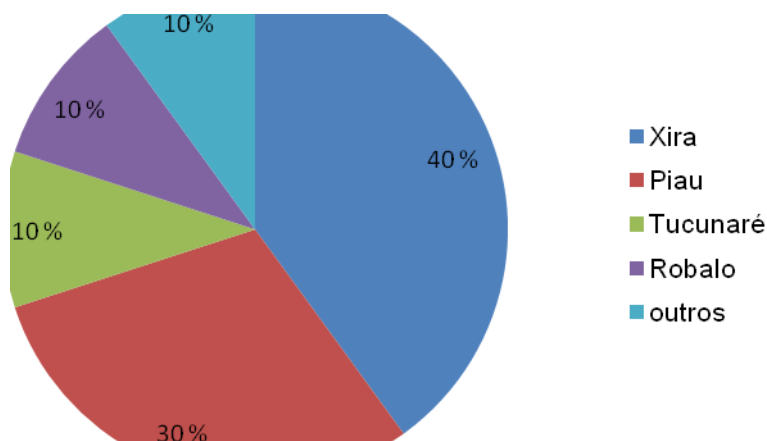


Figura 9.29: Principais espécies capturadas em Poço Redondo.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Poço Redondo

Todos os pescadores entrevistados em Poço Redondo pescam com tarrafas. As malhas preferenciais são 7 e 13 cm, nó a nó oposto, e objetivam, principalmente, a captura da xira, do piaú e da pilombeta.

As redes de emalhar são usadas por 78% dos pescadores entrevistados. As malhas predominantes são 14 cm (33%) e 15 cm (17%). Usadas na captura de xira e piaú.

Os Covos são confeccionados pelos próprios pescadores (55% dos entrevistados) com talas de bambu ou talas de canos de PVC. O camarão pitu é a espécie alvo e as principais iscas utilizadas são coco e o peixe. Esse pescado é vendido pelos pescadores direto para o consumidor a preços que variam de R\$ 40 a 50,00/kg.

89% dos pescadores entrevistados em Poço Redondo utilizam linha de mão. As linhas mais usadas são: 0,60; 0,70 e 0,10 mm de diâmetro. As espécies alvos são robalo e tubarana e as iscas mais usadas são as artificiais e o piauzinho.

A predominância no uso da tarrafa é melhor observada por meio do gráfico de frequência relativa (Figura 9.30), no qual obteve-se 28%, contra 25% do uso da linha de mão e 22% do uso da rede de emalhar. O covo obteve 16% e os demais não ultrapassaram os 3%.

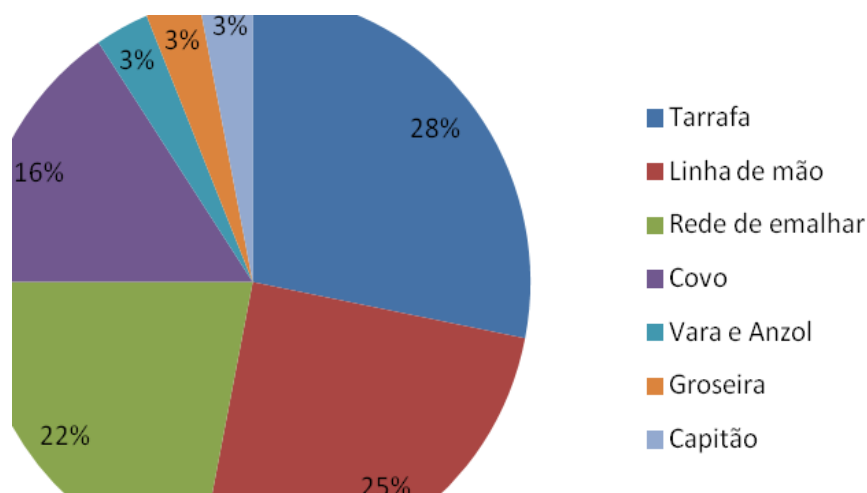


Figura 9.30: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Poço Redondo

Porto da Folha

A colônia de pescadores de Porto da folha é localizada no Povoado Ilha do Ouro, sediada no centro comunitário. Atualmente ela possui 1400 associados dos quais cerca de 600 recebem seguro defeso. Foram entrevistados 8 pescadoras e 4 pescadores, entre os quais 58% são associados a colônia local, Z-19 e 42% ainda possuem vínculo com a colônia de Propriá, a Z-8.

As embarcações usadas nas pescarias são construídas na região, e possuem comprimento médio de 7,1 m. Entre elas, 55% são movidas a motor de rabeta, cuja potência esta entre 5,5 e 7 HP, e 45% são movidas exclusivamente a remo. São de propriedades dos homens: maridos, irmãos e pais, e as mulheres acompanham-nos nas pescarias.

As espécies que representam maior significado quanto à ocorrência nas capturas em Porto da Folha são: Xira (22%), piau (22%), tucunaré (17%) traíra (11%), tilápia (11%), pilombeta (9%) e pacu (8%) (Figura 9.31).

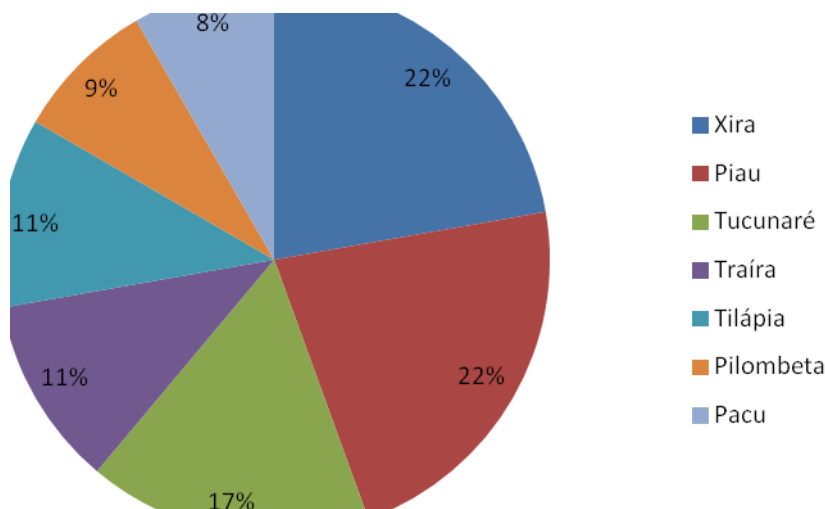


Figura 9.31: Principais espécies capturadas em Porto da Folha.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Porto da folha

As tarrafas são compradas no comércio ou tecidas por 41% dos pescadores entrevistados. Feitas em poliamida elas se destinam a captura, principalmente, de xira, tucunaré, piau e tilápia.

As redes de emalhar são manuseadas por 33% dos pescadores entrevistados. Com malhas entre 5 e 12 cm, medidas entre nós opostos, são destinadas a captura de xira, piau, tucunaré e piranhas.

As redes de arrasto têm como alvo a captura de tilápia, cará e piaba. A rede de calão é usada por homens e mulheres para capturarem aratanha ou a própria piaba. A tilápia é alvo de rede de arrasto de croa cujas malhas variam entre 7 e 10 cm.

O jereré também se encontra entre as artes de pesca de Porto da Folha, embora apenas 8% dos entrevistados façam uso dele para capturarem tilápia e piau.

O mesmo percentual entre os pescadores entrevistados foi observado para o uso do covo de talas de taboca, 8%. As principais iscas utilizadas são pequenos peixes e os alvos são o camarão comum e o camarão pitu.

Por outro lado, a linha de mão é usada por 58% dos pescadores, sem distinção de sexo, visto que tal arte de pesca caracteriza-se pela facilidade de operação e a pesca pode ser feita sem precisar de embarcação. Assim, as mulheres se destacam ao usar esse apetrecho, lançando mãos de iscas simples como o grude farinha para capturarem, principalmente o pacu.

Dos apetrechos relacionados acima a vara e o anzol obteve maior percentual relativo (31%) seguido da linha de mão e da rede de emalhar, ambas com 20%, seguidos por tarrafa (14%), a rede de arrasto (6%) e os demais não ultrapassaram os 3 pontos percentuais (jereré, covo e rede de calão) (Figura 9.32).

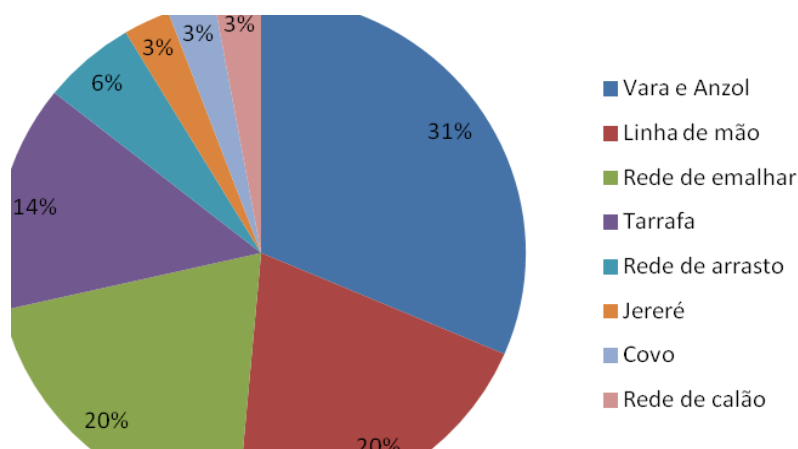


Figura 9.32. Principais apetrechos de pesca utilizados em Porto da Folha.

Belo Monte

A colônia de pescadores de Belo monte (Z-34) possui atualmente 400 associados, dos quais apenas 248 recebem seguro defeso. Foram entrevistados 14 pescadores com idades entre 22 e 76 anos, dos quais, apenas 7% não são associados à colônia.

Os barcos usados por esses pecadores são construídos em municípios vizinhos e medem 7,26 m de comprimento médio, todos são movidos a motor de rabeta com 5,5 ou 6,5 HP de potência.

Os pescadores da cidade lamentam o fato de o não haver mestre carpinteiro naval residente no município.

As principais espécies capturadas pelos pescadores entrevistados em Belo Monte são a xira (48%) e o piau (38%). O item outras (figura 9.33) é composto por robalo, piaba, aragu e tucunaré. Em apenas 37% das embarcações o pescado não é conservado em gelo.

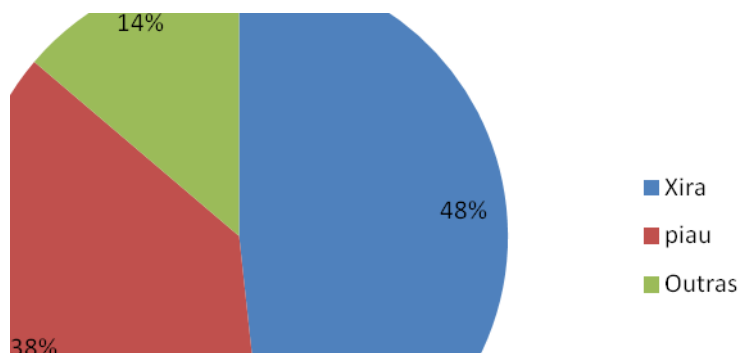


Figura 9.33: Principais espécies capturadas em Belo Monte.

Apetrechos de pesca mais usados em Belo Monte

A tarrafa é arte de pesca utilizada por 78% dos pescadores, dirigida para a pesca da xira do piau. As malhas mais usadas são as de 11 e 10 cm, medida entre nós opostos.

As redes de emalhar são utilizadas por 100% dos pescadores entrevistados e destinadas à captura da xira e o piau. Elas são compradas no comércio com 48 malhas de altura e são cortadas ao meio, formando duas peças de 100 metros que após de serem entalhadas com

2 ou 3 malhas por encalás ficam com 50 m de comprimento, cada peça e 24 malhas na altura, o equivalente aproximadamente a 1,5 metros.

Os covos são utilizados por 36% dos pescadores entrevistados e tem como alvo a pesca do camarão. As iscas vão desde o tradicional bolinho de pó de arroz a casca da laranja.

A linha de mão é destinada à pesca do robalo, do tucunaré, da piaba, da piranha, da tubarana e do mandi. Pesca praticada por 57% dos pescadores que tem as iscas artificiais como as principais, além de minhoca e peixe.

A vara e o anzol são usados para capturar, principalmente, o piau, além de mandi, tubarana e piranha. E embora haja varas de fibra com molinete, a vara de bambu é mais utilizada. As iscas mais utilizadas são minhoca, pilombeta e grude de farinha de mandioca. Além destas, pequenos pedaços de sabão em pedra (de cor verde) são utilizados para capturar principalmente o piau branco.

A poita é uma modalidade de linha de mão no qual são usados uma pedra e um arco de vara de velame (marmeleiro) para afastar os anzóis. Ultimamente, nenhum pescador pratica regularmente essa pesca, porém, em épocas favoráveis ele é destinado à pesca de mandi e piranhas.

A rede de emalhar é a arte predominante entre os pescadores de Belo Monte, (31%), Seguida pela tarrafa (24%), linha de mão (18%), covo (11%) e vara e anzol (9%). O uso da poita, arte peculiar ao município, obteve 5% e a groseira não ultrapassou os 2% (Figura 9.34).

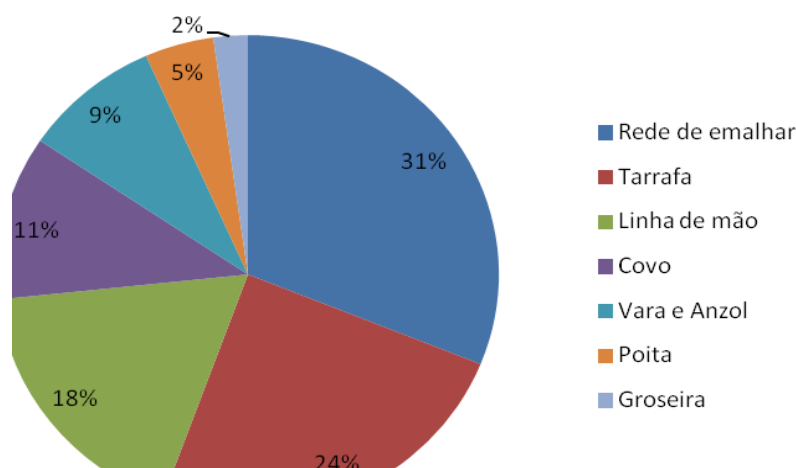


Figura 9.34: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Belo Monte.

Traipu

A Colônia de Pescadores de Traipu (Z-18) atualmente possui 430 associados, onde 100% recebem seguro defeso, de acordo com o presidente da colônia. Possui mercado do peixe (Figura 9.35).



Figura 9.35: Mercado do peixe da Colônia de Pescadores de Traipu. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

No município foram entrevistados 7 pescadores e 3 pescadoras, com idades entre 23 e 58 anos. 90% são associados à colônia local (Z-18), e restante não possui associação.

Na pesca, são utilizados barcos de madeira de 7,14m de comprimento (desvio padrão 1,3m). entre os quais, 60% usam motores, (potência de 5,5 a 9 HP) e 40% possuem o remo como principal forma de propulsão.

A xira é a principal espécie alvo para 50% dos pescadores. O piau é a segunda espécie, que representa 31,25% das capturas. O tucunaré atingiu com 12,5% e a tilápia, capturada na Lagoa do Cabaceiro, representou 6,25% (Figura 9.36).

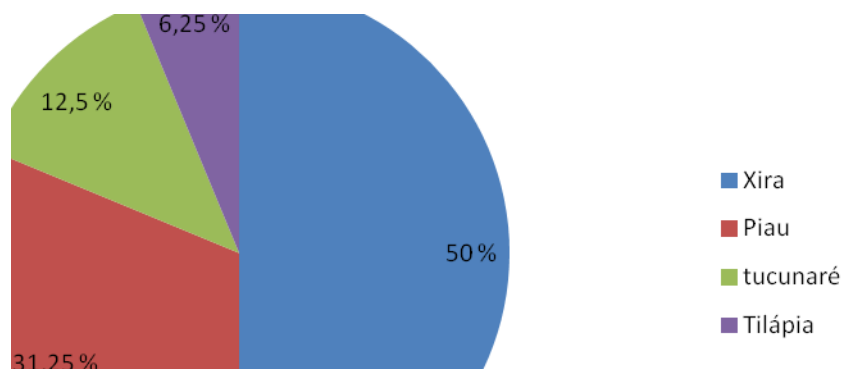


Figura 9.36: Principais espécies capturadas no município de Traipu.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Traipu

A tarrafa é apetrecho de 80% dos pescadores entrevistados. Com malhas que variam entre 1,5 e 10 cm, medida entre nós opostos, pescam principalmente pilombeta, xira e piau.

As redes de emalhar são usadas por 80% dos entrevistados e são destinadas, principalmente à captura de xira, tilápia, tucunaré e traíra. São preferencialmente compradas no comércio, e entalhadas pelos pescadores de modo a caracterizarem-se como caceia ou travessia. No entanto, diferenciam-se apenas no peso da tralha de chumbo que para a travessia se faz necessário um pouco mais pesada, ao que alguns pescadores complementam a tralha pondo pedras entre as chumbadas para melhor fundearem o aparelho.

Os covos são encontrados na Lagoa do Cabaceiro nos quais são pescados camarões, segundo o pescador entrevistado, exóticos que se propagaram após a fuga de um criatório (figura 9.37). São confeccionados pelos próprios pescadores em tela de polietileno.

A linha de mão é usada por 40% dos pescadores, que preferem linhas de 0,40, 0, 50 e 0,60 mm de diâmetro. As iscas artificiais são predominantes, com as quais se pescam robalo, piranha, tucunaré e tubarana.

A figura 9.38 possibilita a observação da predominância do uso da tarrafa e da rede de emalhar junto aos pescadores entrevistados no município (35% cada). A linha de mão obteve 18% e o covo, a vara e anzol e a groseira não ultrapassaram 4% cada.



Figura 9.37: Camarões capturados na Lagoa do Cabaceiro. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

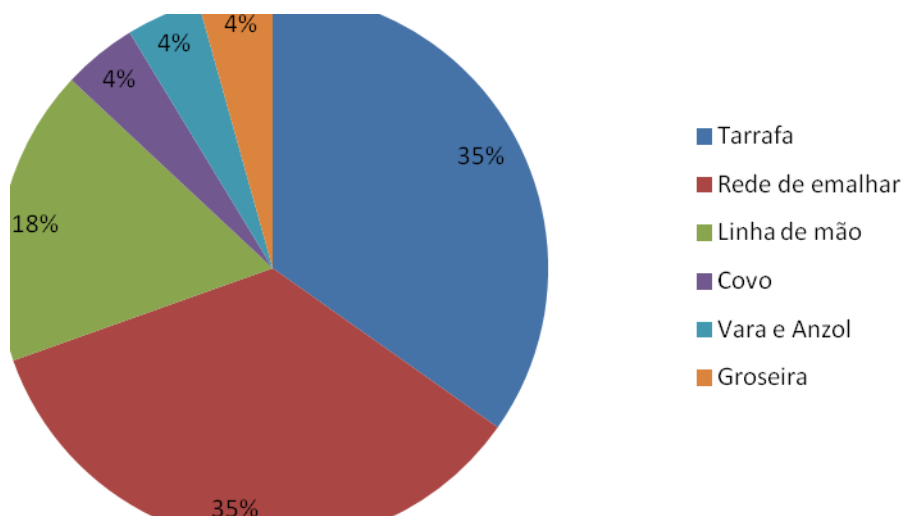


Figura 9.38: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Traipu.

Gararu

A Colônia de Pescadores de Gararu (Z-18) possui 760 pescadores registrados, entre os quais 238 recebem seguro defeso. Não possui fábrica de gelo, peixaria, sede própria nem embarcação.

Foram entrevistados 10 pescadores entre os quais 57% residem no município (Figura 9.39), os demais residem em Traipu (14%), Propriá (29%). O trabalho foi realizado com pescadores a margem do rio, muitos saindo para pescar, outros aportando para abastecerem as caixas de isopor com gelo ou comprar outros insumos.

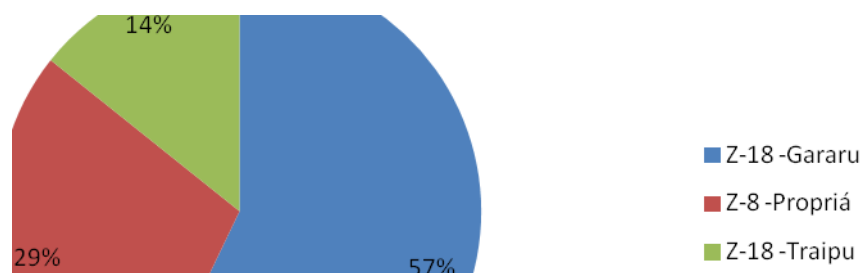


Figura 9.39: Distribuição por colônia dos pescadores entrevistados em Gararu.

Os barcos também são predominantes entre os pescadores entrevistados em Gararu (90%), a canoa foi verificada em 10% dos casos. 70% dos pescadores trabalham com embarcação própria, construída por mestres do BSF com comprimento médio de $7,11 \pm 0,59$. 44% das embarcações portam motores de rabeta de 5,5 ou 6,5 HP, a propulsão para 33% é o remo, e a vela para 22%.

Entre as principais espécies alvo capturadas, piau e xira (27%) se destacam mais uma vez, com o tucunaré em sequência (12%) e o item outras é composto por pilombeta, carí, traira, piranha, carapeba e robalo, (correspondendo a 34%) (Figura 9.40).

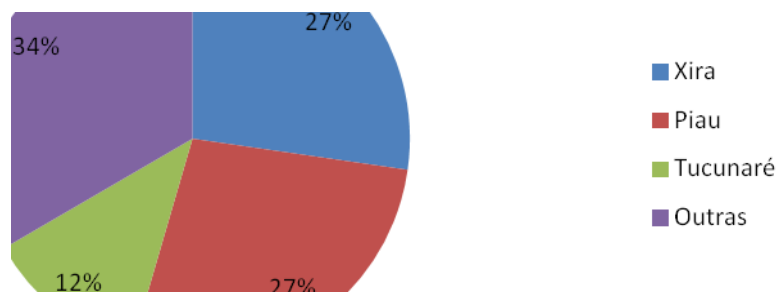


Figura 9.40 Principais espécies alvo capturadas em Gararu.

O pescado é conservado em gelo (levado a bordo) em 80% dos casos e comercializados, principalmente, por atravessadores.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Gararu

As redes de emalhar configuram-se como a principal arte de pesca entre os pescadores entrevistados em Gararu, visto que 90% dos pescadores utilizam-nas. As espécies alvo são: xira, piau, entre outros, (carí, pilombeta, pacu e robalo).

As tarrafas, utilizadas por 70% dos pescadores, tem a predominância das malhas 8 e 10 cm e capturam a xira, o piau, o cari, a piarara e o tucunaré. Esses peixes são comercializados a preço médio de R\$ 4,25.

Confeccionados em linha de algodão ou linhas de nylon e objetivando a captura de aratanha ou “peixinho”, o jereré, ou puçá, é utilizado por 20% dos pescadores entrevistados.

Os covos são utilizados por 40% dos pescadores entrevistados no município e são confeccionados em talas de bambu ou varas de marmeleiro. O covo de talas de bambu é endereçado à captura do camarão pitu e/ou do camarão comum, e o covo de varas de marmeleiro à captura de tucunaré e/ou do pacu. As iscas são comuns aos dois casos: milho, peixe ou bolinho de pó de arroz. Segundo os pescadores é possível capturar 0,5 kg de camarão pitu, até 2 kg de camarão comum e 8 kg de peixe por semana.

Poliamida monofilamento de 0,40 e 0,50 mm de diâmetro é a mais usada em linha de mão. Os lagostins do rio, o caramujo o milho e a manga são iscas que atraem tucunaré, piranha robalo e piau. O robalo é o pescado mais caro, (R\$ 15,00 Kg), e o piau é o mais barato (R\$ 3,00 Kg), entre as principais espécies capturadas com esse aparelho de pesca.

Com vara e anzol os pescadores capturam principalmente piau, tucunaré e robalo. Além de iscas artificiais são usadas minhocas, grude de farinha de mandioca, piaba e pilombeta. Em geral, é capturada semanalmente a média de 16 kg/pescador.

A predominância da rede de emalhar entre os pescadores entrevistados no Município de Gararu é evidenciada na figura 9.41, no qual foram obtidos 25%, contra 22% da linha de mão, 19% da tarrafa, 17% da vara e anzol, 11% do covo e 6% do jereré.

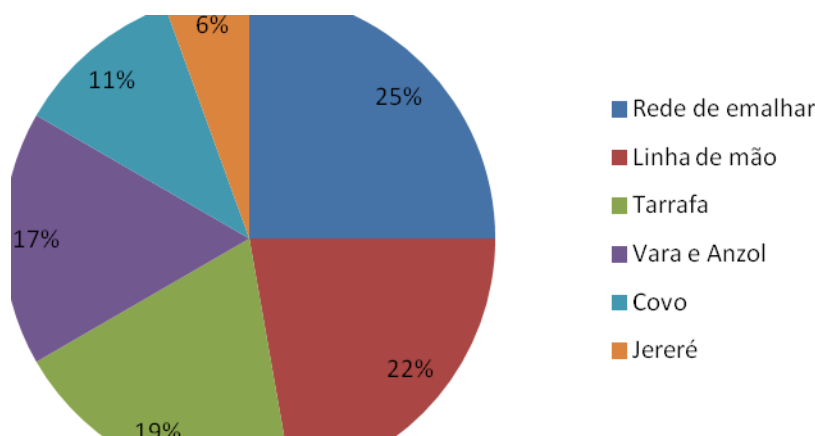


Figura 9.41. Principais apetrechos de pesca utilizados no município de Gararu.

Telha

Foram entrevistados 10 pescadores com idades entre 26 e 66 anos residentes no Povoado São Pedro, município de Telha. Devido ao fato de Telha não possuir colônia de pescadores formada os pescadores são associados à colônia de Propriá, a Colônia de Pescadores Z-8.

Todos os pescadores possuem embarcação de madeira, construídas no Baixo São Francisco com comprimento médio de 6,4 m, desvio padrão de 0,44 m. 62,5% dos barcos são movidos a motor de rabeta, com potência média de 6,5 HP, e 37,5% movidos a remo.

O tucunaré é a principal espécie capturada pelos pescadores do Município de Telha (30,76%), seguida da xira e do piau, (Figura 9.42). Semanalmente são pescados 25 a 50 kg de pescado/pescador.

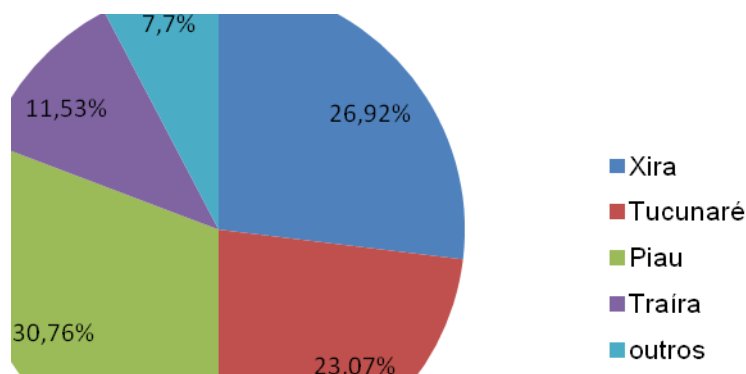


Figura 9.42: Principais espécies alvo capturadas em Telha.

Apetrechos mais utilizados em Telha

O covo é a arte predominante na atividade dos pescadores de Telha (Figura 9.43). Os covos confeccionados em varas de marmeleiro são dirigidos à pesca de piau e xira, os confeccionados em telas de Polietileno ou taliscas de taboca são dirigidos à pesca de camarões.



Figura 9.43: Covos utilizados pelos pescadores de Telha. Foto: Artur Bruno, 2011.

Entre os pescadores entrevistados, 62,5% utilizam redes de emalhar para capturar, principalmente, piau e xira, e 11% utilizam vara e anzol para capturar pirambeba e traíra.

Em nenhum outro município o covo obteve tanta importância. Esse apetrecho representa a principal arte de pesca para 57% dos entrevistados, ultrapassando a pesca com rede de emalhar (36%) e o uso de vara e anzol (7%) (Figura 9.44).

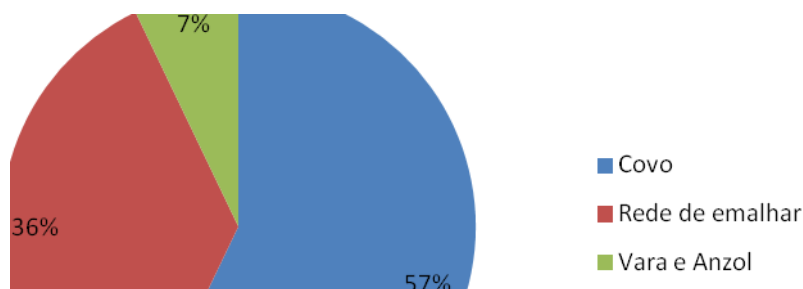


Figura 9.44. Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Telha

Propriá

A colônia de Propriá (Z- 8).é uma das mais antigas do Baixo SF, e reúne associados dos dois estados, totalizando 1.445 associados. Entre os pescadores entrevistados, 16% são residentes no município de Telha, 16% em Belo Monte e outros 16% residentes no município de Porto Real do Colégio (Figura 9.45), com idades entre 29 e 67 anos.

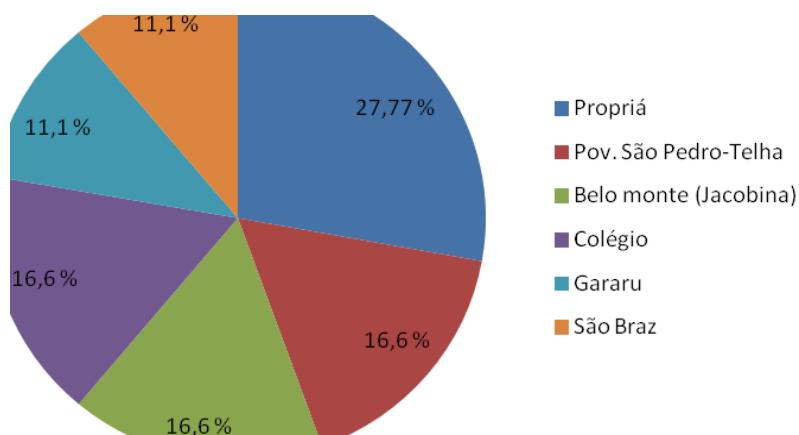


Figura 9.45: Distribuição dos associados à Colônia de Pescadores de Propriá quanto ao município em que residem.

Os barcos movidos a motor também são os mais frequentes em Propriá, 47,36%, barcos movidos à vela correspondem a 35,57% e a remo 21,05%. A rabeta é predominante e a potencia média é de $5,5 \pm 1,94$ HP. O comprimento dos barcos é 7,20 m com desvio padrão de 0,73 m. Algumas embarcações são caprichosamente pintadas (Figura 9.46).



Figura 9.46: Embarcação de pesca em Propriá. Foto: Artur Bruno, 2011.

O gelo, como método de conservação do pescado a bordo, é adotado por 47,36% dos pescadores. A xira e o piau são os principais peixes capturados (Figura 9.47). O tucunaré ocorre em 18,68% dos casos, o robalo e a piranha em 5,71%.

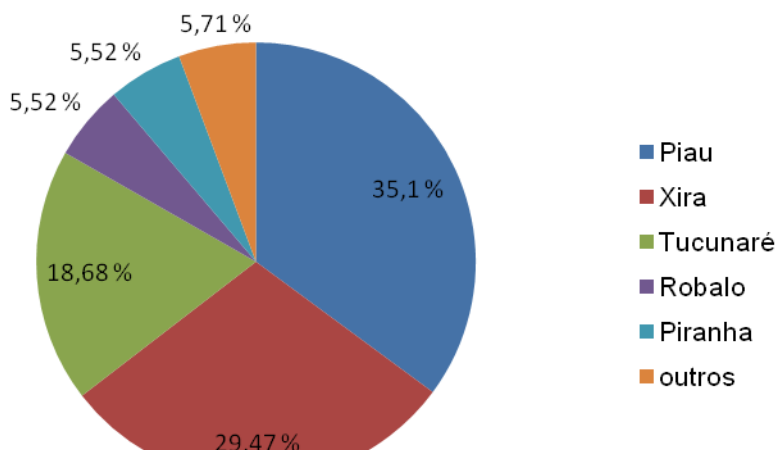


Figura 9.47: Principais espécies capturadas na cidade de Propriá.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Propriá

Os covos em talas de taboca ou em varas de marmeleiro são usados por 68,42% dos pescadores. Em média, cada pescador possui entre 5 e 10 dúzias de covos, direcionados para a pesca do piau, do camarão comum e do pitu. Na época do levantamento os pescadores reclamaram que não havia camarão comum, porém, quando há, é possível pescar até 10,00 kg de camarão por semana. Assim, o camarão pitu esteve como único crustáceo de valor comercial a produzir renda para os pescadores na ocasião (R\$ 30,00/kg).

Durante o ano todo 47,36% dos pescadores entrevistados usam linha de mão. Para a captura de piau, tucunaré, robalo e piranha, as iscas preferidas são peixes, caramujo e iscas artificiais.

A pesca com vara e anzol é praticada por 57,89% dos pescadores, dos quais, alguns afirmam que só praticam-na por esporte e lazer. O que nesse caso, as iscas artificiais ganham maior significado, para os demais, as mais tradicionais, minhoca e peixes pequenos como a pilombeta, são usadas na captura de robalo, dourado e tucunaré.

As redes de emalhar são usadas por 25% dos pescadores entrevistados. E, comumente, os pescadores compram o pano da rede em lojas especializadas em artes de pesca, ficando apenas com o trabalho de cortar e entralhar a rede. As espécies alvos são xira, piau e tilápia, capturados com redes, cujas malhas variam de 2 a 15 cm.

As tarrafas são usadas por 22% dos pescadores entrevistados. As malhas variam entre 2 e 13 cm, entre nós opostos, e as espécies alvo são xira, piau, tambaqui e tilápia.

A rede de arrasto também é usada por 2,96% dos pescadores. Diferentemente das redes de emalhar, ela é tecida pelos pescadores ou por mestre artesão. As espécies alvo são xira e piau e a malha varia de 2 a 10 cm.

O gráfico da frequência relativa dos apetrechos para o Município de Propriá evidencia a predominância da pesca com rede de emalhar (23%), seguida pela pesca com tarrafa (20%), do covo (17%) e da vara e anzol (15%). Mesmo com uma margem representativa de apenas 1% entre os entrevistados, é importante destacar a presença da pesca com cuvu (Figura 9.48).

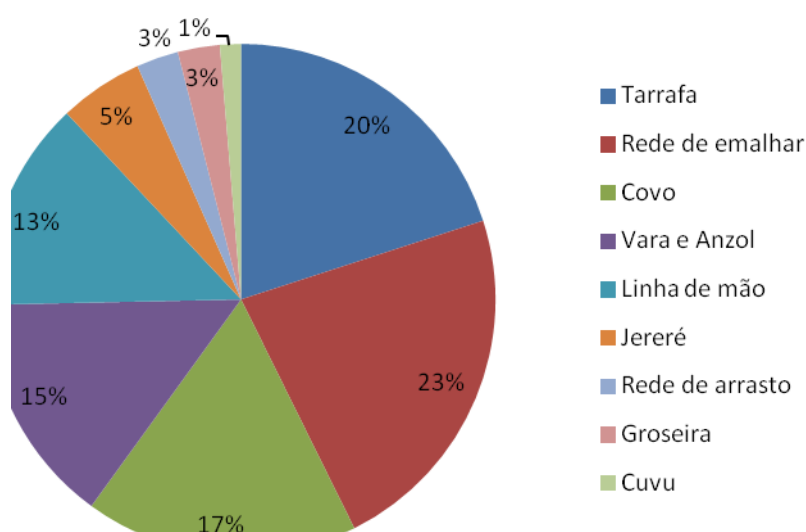


Figura 9.48: Principais apetrechos de pesca utilizados em Propriá.

Amparo

A Colônia de Pescadores de Amparo de São Francisco possui 106 associados dentre os quais 80 recebem seguro defeso. Ela ainda não possui sede própria.

Foram entrevistados 7 pescadores, residentes no município, com idades entre 32 e 57 anos. Destes, 57,14% são associados à colônia local (Z-20), 14,28%, a colônia Z- 8 e esse mesmo percentual de pescadores não associados.

Os barcos utilizados pelos pescadores entrevistados apresentam a predominância do remo como forma de propulsão (71,42%), e comprimento médio de $6,4 \pm 0,96$ m. Os barcos de 28,57% dos pescadores possuem motor de rabeta de 6,5 HP de potência.

Entre as espécies mais capturadas no município de Amparo é importante a observação do percentual alcançado pela piranha (16,12%), significando que esse pescado alcançou a maior relevância da região. A xira, piau e tilápia (Figura 9.49).

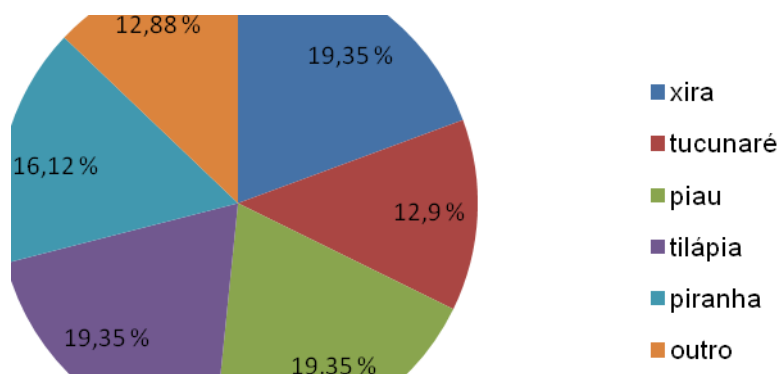


Figura 9.49: Principais espécies alvo capturadas no município de Amparo.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Amparo

A rede de emalhar é usada na captura de piau, xira e traíra e configura-se como a principal arte de pesca no município, visto que todos os pescadores entrevistados a usam. 71,42% compram-nas no comércio e 28,58% fazem todo o serviço, desde a confecção do pano até o entalhamento.

A tarrafa é usada para capturar, principalmente, traíra e tambaqui. 10% dos pescadores entrevistados utilizam esse apetrecho.

O covo é usado por 10% dos pescadores entrevistados e feito pelos próprios com talas de taboca. Iscas de bolinho de pó de arroz, milho e coco fazem com esse apetrecho seja mais eficaz na atração e captura de piau.

A linha de mão também é usada por 10% dos pescadores. A espécie alvo é o piau e as iscas mais usadas são caramujo e minhoca.

Entre os pescadores entrevistados em Amparo é inquestionável a predominância da rede de emalhar entre os demais apetrechos levantados, a figura 9.50 aponta uma predominância de 70% diante da frequência da tarrafa, do covo e da linha de mão, (10 pontos percentuais cada).

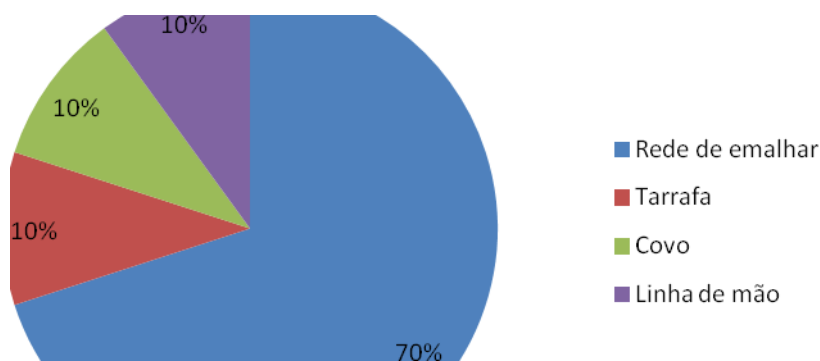


Figura 9.50: Principais apetrechos de pesca utilizados em Amparo de São Francisco

São Brás

A colônia de pescadores de São Brás possui 640 pescadores associados, que residem nos municípios de São Brás, Porto Real do Colégio, Traipu e Igreja Nova. A colônia não possui peixaria e nem fábrica de gelo. As reuniões ocorrem “semanalmente”

Em São Brás foram entrevistados 15 pescadores. Todos residentes no próprio município, com idades entre 22 e 55 anos. Todos são associados à colônia (Z-36) e apenas 53,33% dos pescadores recebem seguro defeso.

Dos pescadores entrevistados, 87% usam canoas nas pescarias e 13% usam barcos. Essas embarcações são construídas no BSF com média de 5,54 ± 2,27 m e 90% delas são movidas a motor de rabeta com potência média de 5,5 HP.

Uma grande variedade de espécies foi encontrada nos relatos dos pescadores de São Brás. A xira (20,68%) e o piau (15,51%) se destacam e confirmam os dados de pescadores de outras cidades. Porém, o item outras, da figura 49 é composto pelas espécies: tainha, cará, camurim, pilombeta, piranha, pirambeba, cari, pacu e piaba (31,03%). A frequência de captura da traíra foi mais relevante que em outros municípios (10,34%) (Figura 9.51). Segundo informação dos pescadores, são capturados semanalmente 37,12 kg de pescado por pescador.

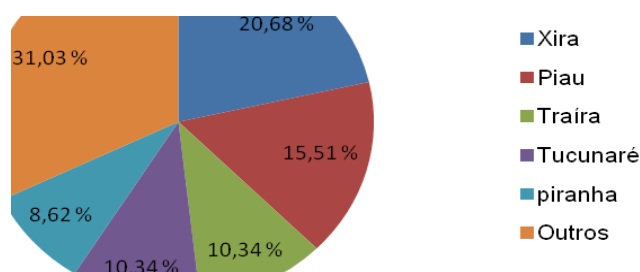


Figura 9.51. Principais espécies alvo capturadas em São Brás.

Apetrechos de pesca mais utilizados em São Brás

A tarrafa é usada por 67% dos pescadores e a principal malha é de 2 cm, nó a nó oposto. As principais espécies alvo são piaba, xira e piau.

A rede de emalhar é usada por 60% dos pescadores e as malhas mais frequentes são de 3 e 4 cm. Essa arte sofre restrição de uso no período de defeso. Nos meses permitidos, os pescadores dirigem essa pesca para a captura de xira, piau, tucunaré e piranha.

A pesca com vara e anzol é praticada por 60% dos pescadores entrevistados em São Brás. Muitos usam molinetes com vara industrializada em material sintético, fibra de vidro ou fibra carbono, (40%), porém, a vara de bambu é mais comum entre os pescadores (60%). A principal isca utilizada é a minhoca, seguida de peixe de pequeno porte e pedaços de carne, visto que, piau, piranha, piaba e pirambeba são as espécies alvo.

A linha de mão é usada por 53% dos pescadores, para capturar, principalmente, piau, piranha e robalo, cada espécie com seu tipo de isca específico: o piau pode ser capturado

com uso de minhoca ou milho; a piranha com uso de pedaços de carne, peixes de pequeno porte, como o piau branco, e o caramujo; o tucunaré é pescado, principalmente, com o uso de iscas artificiais.

A rede de arrasto foi constatada em 47% dos pescadores entrevistados no município. As malhas, cuja principal é a de 3 cm, tem como alvo a captura da xira, do piau, da piranha e do cará.

A rede de calão também é usada. Essa rede de arrasto é utilizada por 26,6% dos pescadores entrevistados para capturar principalmente piaba e saburica. Para tal, a malha não ultrapassa os 2 cm.

O covo é confeccionado em talas de taboca ou telas de polietileno por mestre da região e usados por 13% dos pescadores entrevistados. A espécie alvo é o camarão comum e a principal isca é o bolo de farelo de arroz.

Boia de espeto, arte composta por uma boia, linha, pedaço de borracha de câmara de ar e um espeto. A espécie alvo dessa pescaria é a traíra. No gráfico de frequência relativa (Figura 9.52) esse apetrecho alcançou mesmo percentual atingido pelo o uso do cuvu e do jereré (2%), no qual ficou mais uma vez clara a predominância da tarrafa e da rede de emalhar, ambas com 19%.

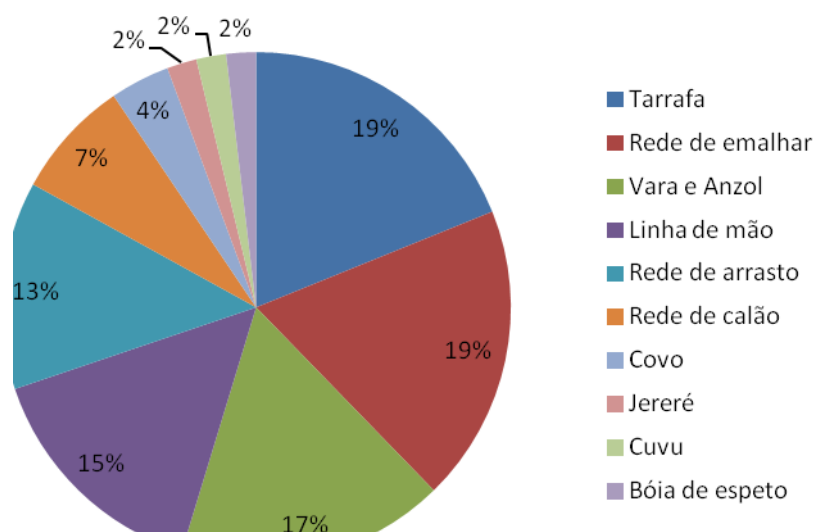


Figura 9.52: Principais apetrechos de pesca utilizados em São Brás

Porto Real do Colégio

Em Porto Real foram entrevistados 8 pescadores. Todos residentes no próprio município, com idades entre 27 e 56 anos. Todos são associados à colônia local (Z-35), e recebem seguro defeso.

As embarcações dos pescadores do município de porto real do colégio são construídas em madeira por carpinteiros da região com comprimento médio de $5,28 \pm 1,62$ m, das quais 57% são movidos exclusivamente a remo e 14% são propulsionadas por motor de rabeta com potência média de 6, 7 HP.

Entre as principais espécies capturadas pelos pescadores destacam-se o piau (29%), a xira, (21%), tucunaré (14%), pilombeta, traíra, camorim, tilápia e o camarão pitu (somados, representam 36% das capturas realizadas) (Figura 9.53).

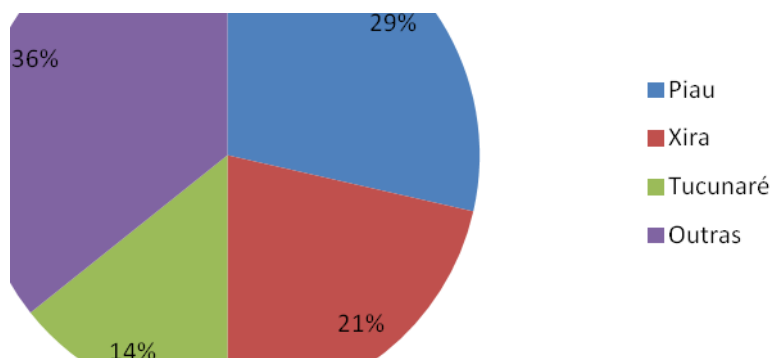


Figura 9.53. Principais espécies alvo capturadas em Porto Real do Colégio.

Apetrechos mais utilizados em Porto Real do Colégio

As redes de emalhar são as artes de pesca predominantes, visto que 44% dos pescadores entrevistados as utilizam. A xira e o piau são as principais espécies citadas como alvo e as malhas predominantes são 4 e 12 cm.

A tarrafa é usada por 33% dos pescadores entrevistados e é dirigida, principalmente, a captura de piau e a xira. Elas são tecidas pelos próprios pescadores ou encomendadas, com malhas 2 e 3 cm principalmente.

O jereré é arte de pesca frequente entre 33% dos pescadores entrevistados e são usados para capturar saburica, carazinho e piau. Eles são confeccionados em linhas de algodão com malhas que não ultrapassam 1 cm, no a nó oposto. Há também o uso de material de refugio como mosquiteiros.

Vara de bambu e anzol é uma modalidade de pesca praticada por 33% dos pescadores na captura piau, pacu, pirambeba e piaba. Para tal, minhoca, grude de farinha e manga são as iscas mais utilizadas.

Linha de mão é usada por 22% dos pescadores para capturar piau e pirambeba, tucunaré, piranha, pacu e robalo. A linha preferencial é a linha de 0,40 mm de diâmetro e vísceras de frango, minhoca e manga verde são as principais iscas.

A pescaria com covos é realizada por 11% dos pescadores pra capturar o camarão pitu, visto que alguns pescadores reclamaram a ausência de camarão comum. A rede de calão é usada por, apenas, 11% dos pescadores do município e tem como espécie alvo a aratanha, (saburica).

Relativo aos demais apetrechos, o uso da rede de calão atingiu a marca de 6 pontos percentuais, mesmo percentual alcançado pelo covo. A rede de emalhar confirma a predominância observada na região com 23% dos pescadores a utilizando como arte de pesca principal, seguida da tarrafa (17%), do jereré e de vara e anzol, ambas com 18% (Figura 9.54).

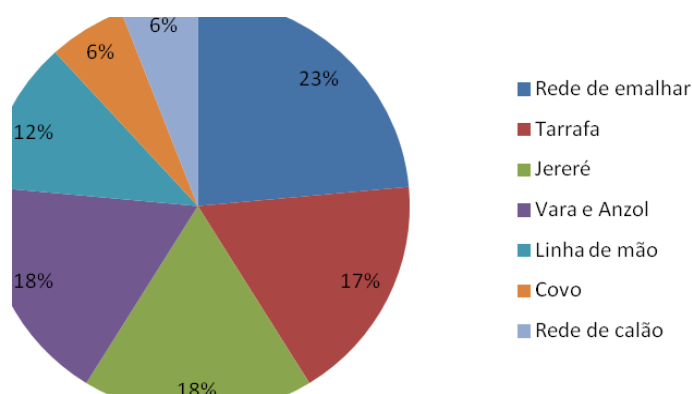


Figura 9.54: Principais apetrechos de pesca utilizados em Porto Real do Colégio.

Santana do São Francisco

A colônia fica sediada no Povoado Saúde e atualmente conta com um quadro de cerca de 150 associados. Em Santana do São Francisco, sede do município e local da oficina, foram entrevistados sete pescadores e duas pescadoras, com idade entre 18 e 60 anos. Apenas 55% dos pescadores são associados à colônia local, (Z-22).

O uso de remo como forma principal de propulsão das embarcações é muito significativa entre os pescadores entrevistados (33%) em Santana. As embarcações movidas a motor somaram os 45% e as movidas a velas, 11% (Figura 9.55). 89% das embarcações dos entrevistados são de madeira e foram construídos no BSF e, apenas, 11% possuem o casco de fibra, tipo de embarcação que não é construída na região.

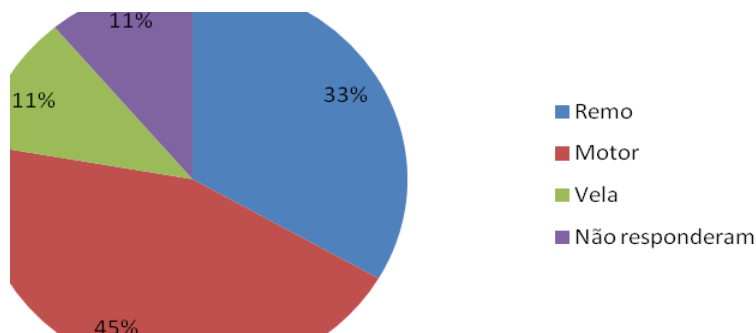


Figura 9.55: Distribuição de frequência das embarcações de Santana de São Francisco por tipo de propulsão.

A xira é a principal espécie alvo para 29% dos pescadores. O piau é a segunda espécie alvo mais capturada (21%), seguido pelo robalo (14%) (Figura 9.56).

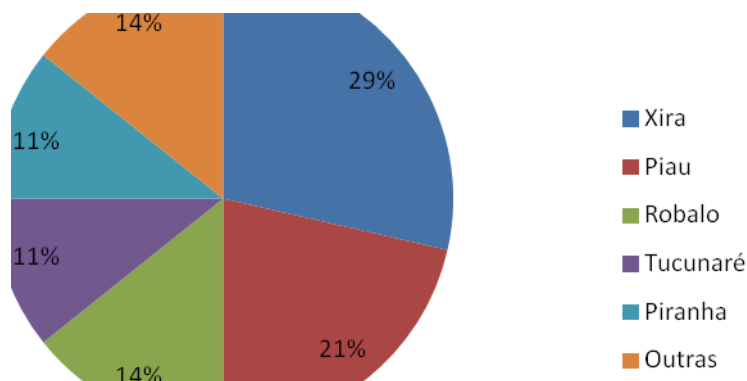


Figura 9.56: Principais espécies alvo capturadas pelos pescadores de Santana de São Francisco.

Apetrechos utilizados em Santana de São Francisco

O jereré atingiu em Santana de São Francisco a maior importância para os pescadores, (67%), e é direcionada a pesca do camarão comum e da piaba. Comprados no comércio, são encontrados tecidos em nylon ou em linhas de algodão.

As redes de amalhar são usadas por 55% dos pescadores para capturar, principalmente xira e piau, novamente. Entre os usuários, 67% preferem comprar as redes no comércio.

A linha de mão para capturar robalo, piranha, piau, xira e tucunaré, é usada por 55% dos pescadores. Assim, são usadas minhocas, farelo de pão e camarão, como iscas.

Os covos são fabricados em telas de polietileno pelos próprios pescadores. Seu uso é praticado por 33% dos pescadores com a finalidade de capturar principalmente o camarão comum. Visto que são utilizadas iscas como bolinho de farelo de arroz e massa de pão.

As tarrafas são usadas por 22% dos pescadores e são compradas no comércio ou encomendadas a mestres da região. As espécies alvo são xira e piau. As redes de arrasto são usadas por 22% dos pescadores entrevistados pra capturar xira, traíra e cará. Os pescadores as encomendam a mestre da região ou as compram no comércio, com malhas tecidas em linhas de algodão.

A pesca com vara e anzol é praticada por 89% dos pescadores. A principal isca é a minhoca e as principais espécies alvos são o piau, a xira, e o tucunaré. Relativo aos demais apetrechos esse tipo de arte de pesca foi o que representou maior percentual (25%), seguido do jereré e da pesca com linha de mão (18% cada). A pesca com rede de amalhar constitui a principal arte nesse município apenas para 14% dos pescadores entrevistados (Figura 9.57).

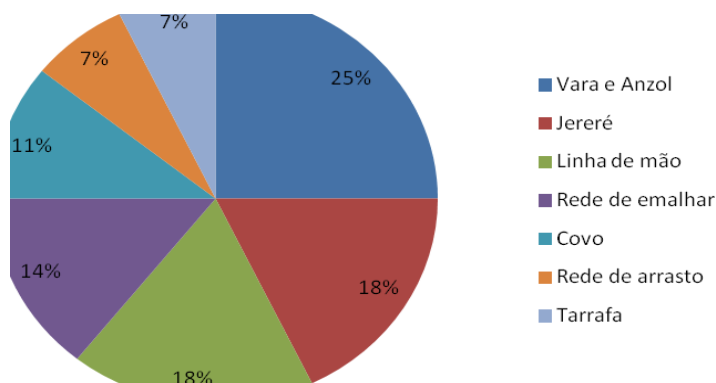


Figura 9.57. Principais apetrechos de pesca utilizados em Santana de São Francisco.

Igreja Nova

A Colônia de Pescadores Rio Boacica (Z-32) sediada no município de Igreja nova possui 1430 associados, dentre os quais 1390 associados recebem seguro defeso.

No município de Igreja Nova foram entrevistados 5 pescadoras com idades entre 27 e 49 anos. Todas residentes na sede do mesmo e associadas a colônia local, (Z-32). Dentre as entrevistadas, 60% usam barcos de madeira movido a remo. 40% não utilizam embarcação, de modo a realizarem suas pescarias em riachos e na barragem do rio Boacica.

Nos riachos as principais espécies capturadas são: piaba, cará e traíra, e entre os que afirmam pescar apenas no rio, a xira e o piau são os mais frequentes. Assim, proporcionalmente as outras espécies, o cara foi a espécie representou maior frequência nas capturas (25%), seguido pela piaba (18%), xira, piau e traíra (19% cada) (Figura 9.58).

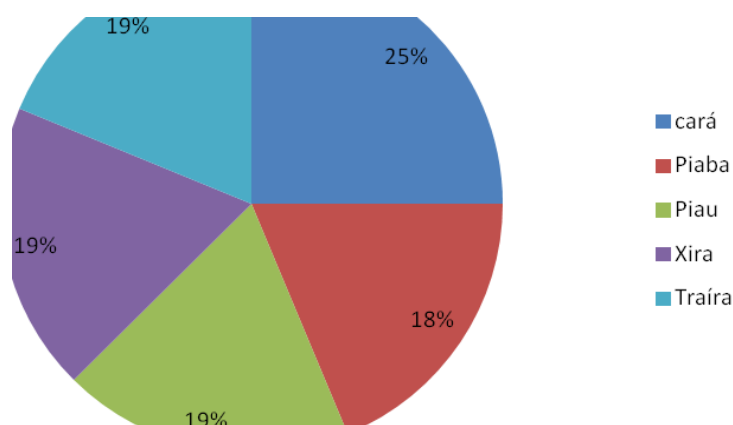


Figura 9.58: Principais espécies alvo capturadas pelos pescadores de Igreja Nova.

Apetrechos de pesca utilizados em Igreja Nova

A rede de espera (rede de emalhar) é usada para capturar xira, piau, piranha e traíra por 60% das pescadoras. Compradas no comércio com malhas preferenciais de 10 cm, medida entre nós.

O jereré é usado para capturar saburica, cará, piaba e traíra por 60% das pescadoras. São as próprias que os tecem em cordão de algodão com malhas que não ultrapassam 1 cm, ou seja, “muito pequena”.

Piaba, cará, traíra e piranha são capturados com vara de bambu e anzol por 40% das pescadoras. Desse modo, são utilizadas minhoca, saburica e piaba como iscas.

A linha de mão 0,2 mm é usada com anzol pequeno para capturar piaba e cará por 20% das pescadoras entrevistadas. A principal isca é a minhoca.

A tarrafa é utilizada para capturar aragu e piaba por 20% das pescadoras entrevistadas.

O uso do jeré atingiu a mesma marca da pesca com uso de redes de emalhar (30% cada), evidenciado no gráfico de frequência relativa da figura 9.59, seguidos pelo uso de vara e anzol (20%) e da tarrafa e da linha de mão (10% cada).

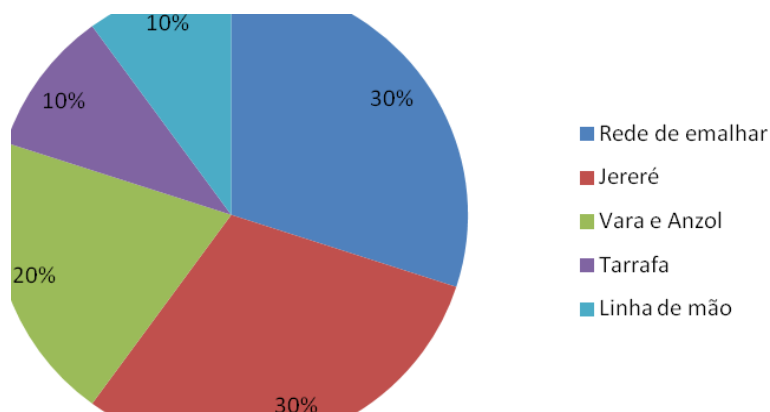


Figura 9.59: Principais apetrechos de pesca utilizados em Igreja Nova

Penedo

A Colônia de Pescadores de Penedo é uma das mais antigas do Baixo São Francisco e possui 2.500 associados que residem no próprio município, além de Porto Real do Colégio. Possui mercado do peixe (Figura 9.60), apresenta sede própria, com dois barcos, dois computadores com acesso à internet, onde os pescadores também podem utilizar quando necessário.

Foram entrevistados 9 pescadores com idades entre 32 e 70 anos, dos quais 78% são associados a colônia de pescadores local (Z-12), 11% não são associados e 11% associado à Colônia de Pescadores de Neópolis (Z-7).



Figura 9.60: Mercado do peixe de Penedo. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

Os pescadores entrevistados em Penedo usam embarcações de madeira, construídas no Baixo São Francisco com comprimento médio de 7,48 m. Todas são movidas a motor de rabeta cuja potência é 5,5 ou 6,5 HP.

Xira e piau são as principais espécies capturadas pelos pescadores de Penedo (20% cada). Além destes foram listados o camorim, o tucunaré, a tilápia, a piranha e o robalo (Figura 9.61). Tais pescados são conservados por 33% dos pescadores.

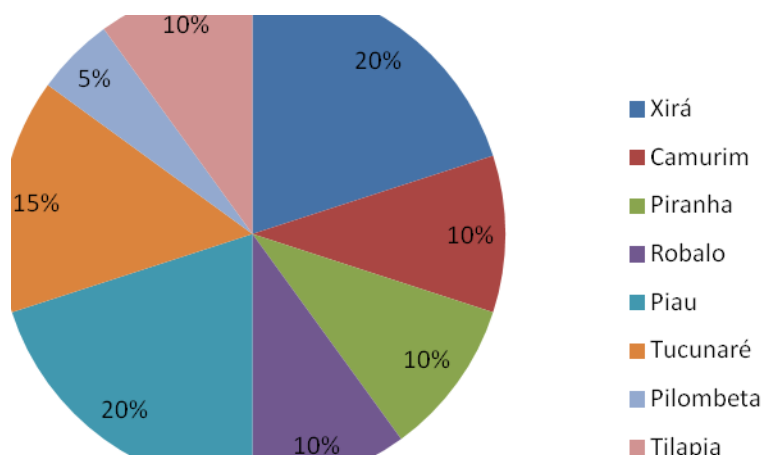


Figura 9.61: Principais espécies alvo capturadas em Penedo.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Penedo

As redes de emalhar são usadas por 100% dos pescadores. A malha mais frequente é de 14 cm e a espécie alvo é a xira. O kilo da xira é comercializado a R\$ 6,00.

As tarrafas são usadas por 88% dos pescadores entrevistados e a malha preferencial é a de 3 cm de comprimento, medida nó a nó oposto. Os principais alvos são xira, piauí, tucunaré e robalo.

A linha de mão é usada por 33% dos pescadores. As espécies alvo são a piranha, o robalo e o piauí, as quais são atraídas com o uso, principalmente, da pilombeta como isca.

A groseira de piranha é usada por 22% dos pescadores. Vísceras de frango são usadas como isca nesse tipo de espinhel e, além da espécie que dá nome ao aparelho (piranha) o robalo também é espécie alvo.

A rede de arrasto de croa é usada por 11% dos pescadores entrevistados. Segundo os pescadores não se pesca profissionalmente com esse apetrecho na região. Do mesmo modo que a pesca com rede de arrasto, a pesca com vara e anzol é praticada por 11% dos pescadores entrevistados. Relativamente ao uso dos demais apetrechos, a groseira alcançou o mesmo percentual alcançado pelo uso da rede de arrasto de croa e da vara e anzol (ambas com 5%).

Em relação à frequência relativa do aparelho de pesca principal usado pelos pescadores, pode-se observar a predominância da pesca com redes de emalhar (40%), seguida pela pesca com tarrafa (30%) e da pesca com linha de mão (15%) (Figura 9.62).

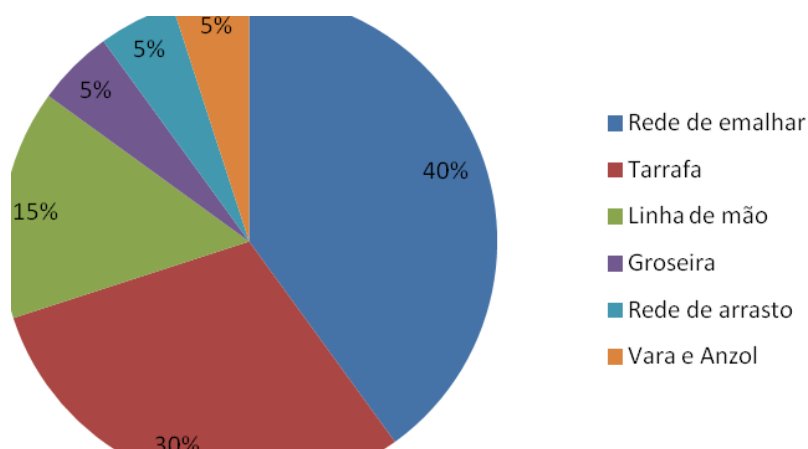


Figura 9.62: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Penedo

Neópolis

A colônia de Neópolis Z-7, fica localizada na Rua Major Gomes de Assunção, 490. Possui sede própria com 3140 pescadores associados, atendendo os municípios de Neópolis, Santana do São Francisco, Ilha das Flores, Brejo Grande e Pacatuba. Todos os associados recebem seguro defeso. A colônia dispõe de um barco e três computadores com internet para uso interno. As reuniões ocorrem semanalmente, como foi nos relatado pelo Srº Cícero Medeiros Gomes. Concomitantemente a realização da segunda oficina, foram entrevistados 8 pescadores. Todos associados a colônia do município, com idades entre 29 e 47 anos.

As embarcações dos pescadores entrevistados são de madeira, construídas na região e usam como forma de propulsão, principalmente o remo e a vela.

A xira é a principal espécie alvo para 26,92% dos pescadores entrevistados, seguida pelo piau (15,48%) e pelo tucunaré com (11%), carapeba, robalo, piranha e pilombeta, (8%). O item outras, no na figura 31, é composto por tilápia, traíra, bagre e camarão (Figura 9.63).

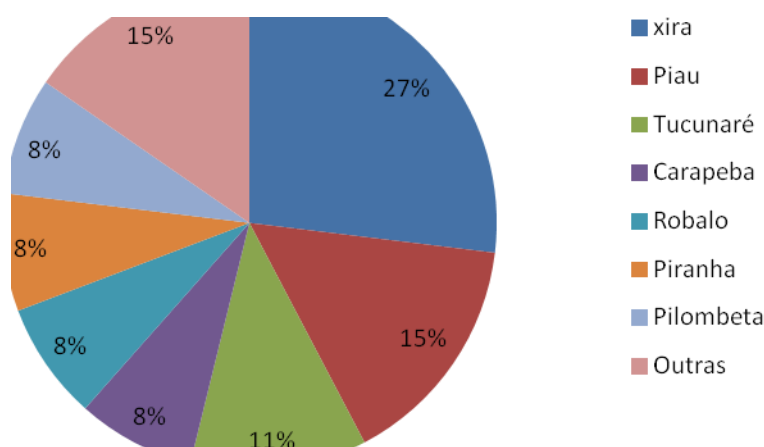


Figura 9.63. Principais espécies alvo capturadas no município de Neópolis.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Neópolis

As redes de emalhar são preferencialmente compradas no comércio e entalhadas na comunidade pelos próprios pescadores. São utilizadas por 67% dos pescadores e dirigidas para a pesca de xira, tucunaré, pilombeta e carapeba.

Entre os pescadores entrevistados, 44% usam jereré tecidos em linhas de algodão ou linhas de nylon. Adquirido no comércio da região, o este aparelho tem como pesca objetivo o camarão e a piaba.

Construídos em telas de polietileno, talas de taboca ou garrafas PET, os covos são utilizados por 44% dos pescadores entrevistados. A principal isca é o bolinho de pó de arroz e a espécie alvo é o camarão

Vara e anzol são usados por 44% dos pescadores entrevistados pra capturar cará, matroê, caboje e traíra. Para tal, minhoca e camarão são as principais iscas.

A tarrafa é utilizada por 22% dos pescadores para capturar principalmente piaba e tucunaré.

Relativamente, o quadro de apetrechos apresenta boa distribuição, no qual a rede de emalhar divide a predominância com a pesca com linha de mão (24% cada), seguido do uso do jereré e do uso de vara e anzol (ambas com 16%) (Figura 9.64).

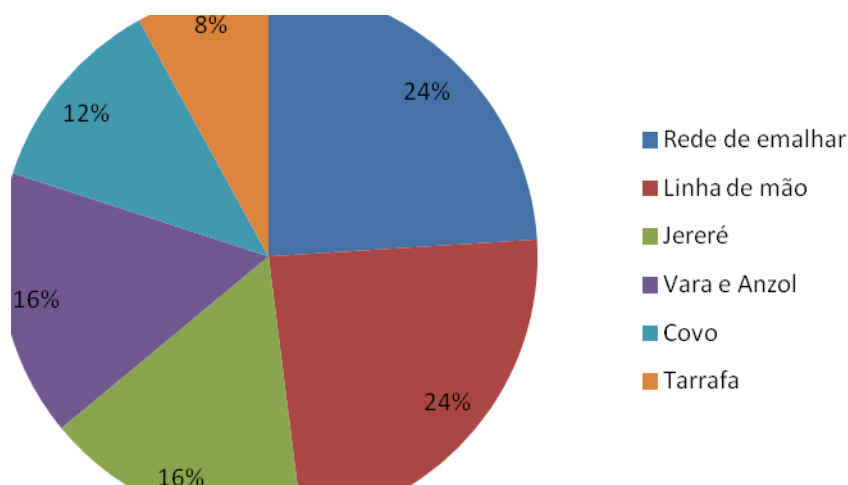


Figura 9.64: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Neópolis.

Ilha das Flores

A colônia de pescadores de Ilha das Flores possui 51 associados, destes 39 recebem seguro defeso. Essa colônia não possui peixaria e também não compra o pescado dos pescadores. Não possui sede e nem embarcação própria. Possui um computador com acesso a internet, utilizados apenas para serviços internos.

Foram entrevistados 17 pescadores com idades entre 22 e 58 anos, residente no município e associados a diferentes colônias. Entre elas está a colônia de Neópolis, Z-7, com 23% dos pescadores, a colônia local ficou responsável por 65% dos entrevistados e outras não ultrapassaram 12% (Z-17 e Z-19) (Figura 9.65).

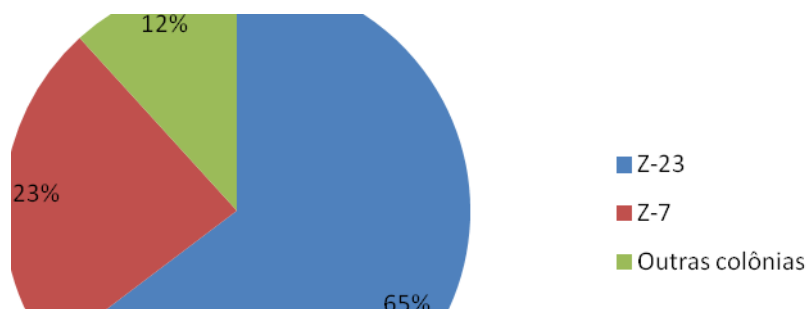


Figura 9.65: Distribuição dos pescadores associados de Ilha das Flores por colônia.

Os barcos encontrados no município possuem comprimento médio de 7,01 m. Todos os pescadores utilizam embarcação própria das quais 88% são motorizadas com rabetas de 5,5 ou 6,5 HP, e 22% são movidas a vela.

Os principais peixes capturados pelos pescadores de Ilha das flores são a xira (28%), a carapeba (19%) e o robalo com 18%, (Figura 9.66). A pilombeta vem em seguida (16%) e o piau não ultrapassou os 8%. Camurim, bagre e tucunaré são as espécies que compõem o item outros. Por mês, cada pescador captura em média 90,80 kg de pescado.

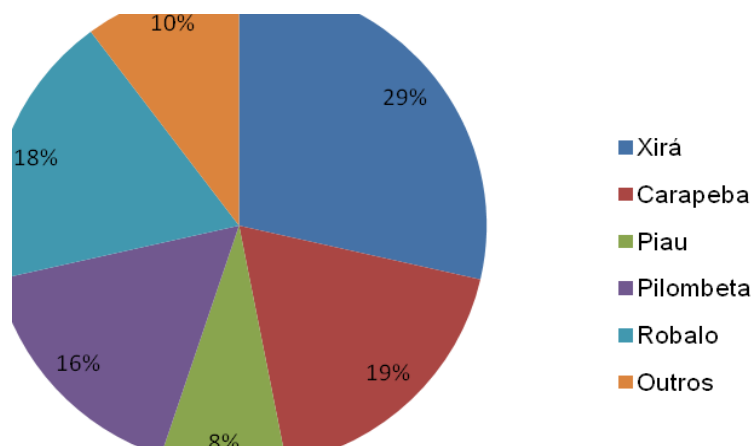


Figura 9.66: Principais peixes capturados no município de Ilha das Flores.

Apetrechos de pesca utilizados em Ilha das Flores

As redes de emalhar são, indiscutivelmente, os apetrechos dos pescadores de Ilha das Flores. Todos os pescadores as possuem, e cada malha possui seu respectivo alvo. Por exemplo: as malhas 8, 10 e 14 cm de comprimento entre nós opostos, são dirigidas a pesca da carapeba e do robalo; a malha 2,5 cm se relaciona a pesca da pilombeta; a malha 11 e 12 cm estão mais relacionadas à captura da xira e do bagre. Como visto em outros municípios, a maioria dos pescadores compram suas redes no comércio e eles mesmos a entralham (Figura 9.67).



Figura 9.67: Pescadores de Ilhas das Flores entralhando as redes nos fundos do Centro Social dos Pescadores do município. Foto: Ricardo Anderson Pereira, 2011.

11% dos pescadores utilizam rede de arrasto, cuja malha citada foi a malha 8 cm, tendo como espécie alvo o tucunaré e o piau. O preço unitário do piau fica entre R\$ 4 a 5,00/kg, e o tucunaré custa, em média, R\$ 7,50/kg. Trata-se de uma arte praticada em regiões de bancos de areia e praias, em horários de maré baixa. Os próprios pescadores confeccionam e consertam tais redes.

Covos são utilizados por 5,5% dos pescadores. Feitos de talas de bambu, a minhoca, o bolinho de pó de arroz e batata são as iscas usadas para atrair camarão. Em média, pesca-se 3 a 4 litros de camarão por despescas dos covos.

Na linha de mão, a pilombeta iscada no anzol atrai xaréu, bagre e robalo, e os pescadores que a utiliza afirmaram não comercializarem o pescado proveniente desse apetrecho, sendo essa pesca praticada enquanto vigiam as redes.

Houve também o relato do uso do chiqueiro, armadilha fixa (curral) construída com talas dispostas verticalmente em uma estrutura que lembra uma esteira. Essa armadilha fixa é auxiliada com o uso de iscas para atrair o pescado. Nesse caso são usadas bandas de coco presas à linhas amarradas em varas, de modo que permita ao pescador visualizar o movimento da linha ao peixe morder a isca.

De modo a facilitar a visualização do constatado quanto aos apetrechos, o gráfico de distribuição relativa (Figura 9.68) aponta a predominância da rede de emalhar que alcança no município o maior percentual já visto nos demais municípios da região, 71%, contra 13 da pesca com linha de mão, 8% da pesca com rede de arrasto, e 4% alcançado pela pesca com covos e com o uso do chiqueiro.

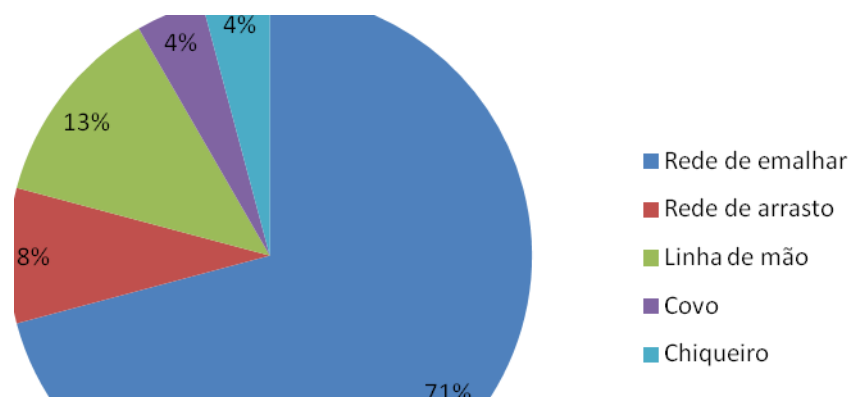


Figura 9.68: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Ilha das Flores.

Piaçabuçu

A colônia de Piaçabuçu, Z-19 Américo Pereira de Brito, fica localizada na Rua Tamandaré, 288. Possui sede própria com 3980 pescadores associados que são de sua maioria da própria cidade e o restante dos povoados vizinhos como, Peba, Bonito, Flexeiras, Sudene, Poxim, dentre outros. 3250 pescadores recebem seguro defeso. Muitos não têm direito ao benefício porque estão a menos de um ano na profissão.

A colônia possui um mercado do peixe e três computadores com internet em sua sede para uso interno apenas. As reuniões ocorrem mensalmente, como foi relatado pelo Srº Antonio Amorim Santos, então presidente da colônia Z-19.

Em Piaçabuçu foram entrevistados 10 pescadores. Todos residentes no município com idades entre 26 e 57 anos. Todos são associados à colônia local (Z-19).

Os barcos são construídos no Baixo São Francisco, medindo em média 1,2 metros de comprimento. A principal forma de propulsão dos barcos é o motor de rabeta cuja potência média é de 6,5 HP.

Uma particularidade é a pesca da pilombeta se destacando como a principal espécie entre os pescadores do município, 41,17% do pescado.

A xira é o segundo pescado mais capturado e representa 29,41%, o tucunaré alcançou a margem de 11,16% e outros 17%, (Figura 9.69).

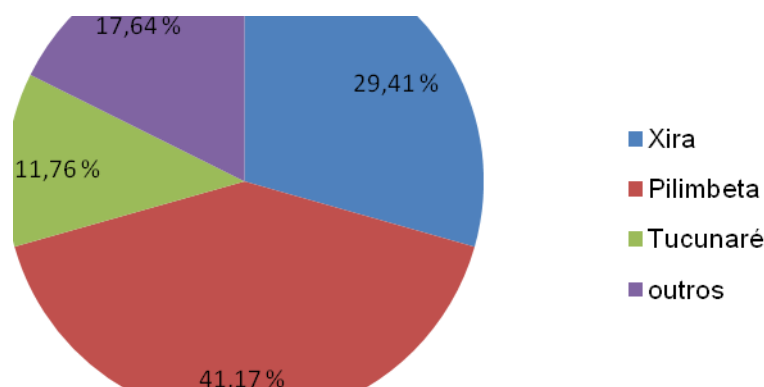


Figura 9.69: Principais espécies alvo capturadas em Piaçabuçu.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Piaçabuçu

As redes de emalhar são usadas por 90% dos pescadores e são destinadas, principalmente, a captura de pilombeta e xira.

Rede de Arrasto é utilizada por 30% dos pescadores. Este apetrecho tem por espécies alvo o bagre, o tucunaré, xareú e xira.

O jereré, fabricado em nylon pelos próprios pescadores, destinado à pesca do camarão é utilizado por 30% dos entrevistados.

Entre os pescadores entrevistados, 30% pescam com covos, fabricados em talas de bambu e adquiridos no comércio, feito por artesãos são dirigidos à pesca do camarão. A linha de mão é usada por 30% dos pescadores para capturar, principalmente, bagre e robalo. Desse modo, são utilizadas iscas artificiais e pilombeta.

A tarrafa é utilizada por 10% dos pescadores entrevistados e é dirigida a pesca da traíra e do cará. A vara e anzol são utilizados por 10% dos pescadores para captura de piau e piaba, com iscas de bolinhos de farinha de mandioca.

No gráfico da frequência relativa, mostrado na figura 9.70, pode-se observar a predominância do uso das redes de emalhar (39%), rede de arrasto, jereré, covo e linha de mão (13%). O uso da tarrafa ocupou a ultima colocação com um percentual de, apenas, 4%.

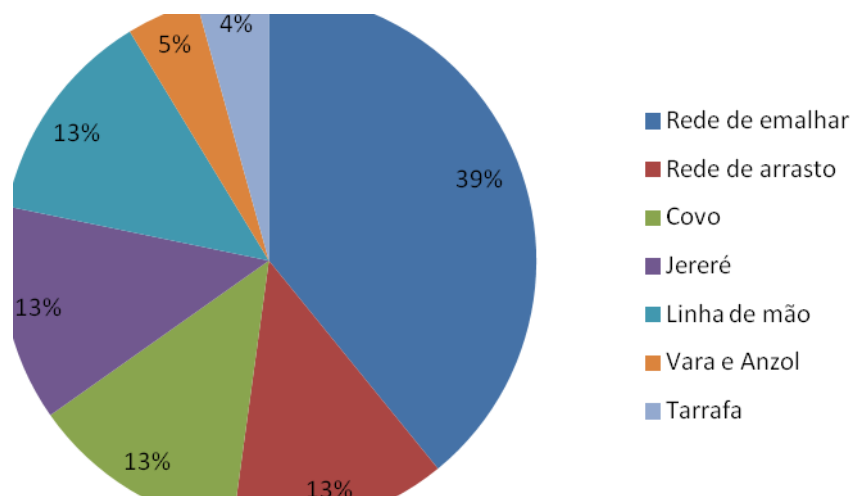


Figura 9.70: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Piaçabuçu.

Brejo Grande

No município de Brejo Grande foram entrevistados 3 pescadoras e 1 pescador com idades entre 20 e 54 anos, entre os quais 75% são associados à colônia local (Z-16) e 25% associados à colônia de Neópolis (Z-7).

Todos utilizam barcos de madeira de 6,26 m de comprimento médio e desvio padrão de 0,90 m. as embarcações são construídas na região e sua principal forma de propulsão é o motor de rabeta.

Como descrito pelas mulheres de Porto da Folha, a pescadora se desprende dos afazeres do lar e se aventura nos brejos ou no rio acompanhando seu cônjuge, irmão ou amigos. Em brejo grande foi possível documentar a participação efetiva da mulher na pesca (figura 9.71).



Figura 9.71: Pescadora de Brejo Grande desensacando a rede para a pesca.
 Foto: Priscila Rezende, 2011.

As capturas no município de Brejo Grande apresentam grande variedade de espécies, encabeçadas pela xira (22%), tucunaré (17%), piau, pilombeta, traíra e robalo (11%) (Figura 9.72).

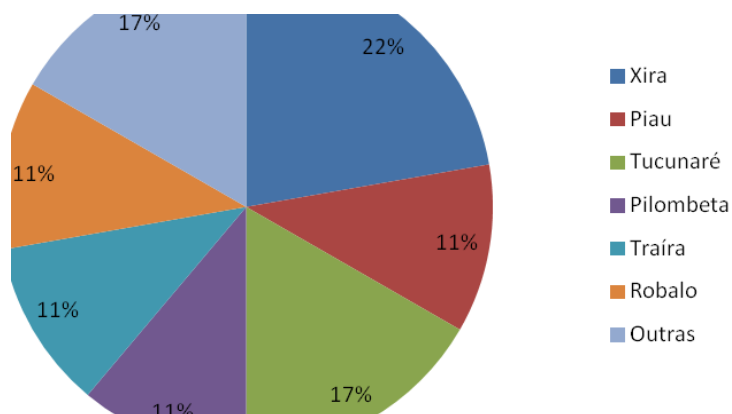


Figura 9.72: Principais espécies alvo capturadas pelos pescadores de Brejo Grande.

Apetrechos de pesca mais utilizados em Brejo Grande

Semelhante ao que ocorre em Ilha das Flores, as redes de emalhar são predominantes. Já a pesca com tarrafa não é realizada. As redes são compradas no comércio ou tecidas pelos próprios pescadores com a finalidade de capturar xira, pilombeta, piau, traíra e tucunaré. Por isso, as malhas mais frequentes são as malhas de 12 e 14 cm, medida nó a nó oposto.

A pesca com linha de mão também é muito significativa, visto que 75% dos pescadores entrevistados a utilizam na captura de carapeba, mandi e bagre. As linhas preferencialmente usadas nesse apetrecho são: 0,30 e 0,60 mm de diâmetro, e as iscas mais frequentes são minhoca, pilombeta e camarão.

O gráfico da figura 9.73 possibilita a visualização dos resultados apresentados acima de modo a ratificar a predominância da rede de emalhar que alcançou um percentual relativo de 57%. Peculiarmente, a pesca, entre os entrevistados, é praticada com o uso de apenas dois apetrechos, assim a linha de mão atingiu 43% configurando-se como um apetrecho de importância secundária.

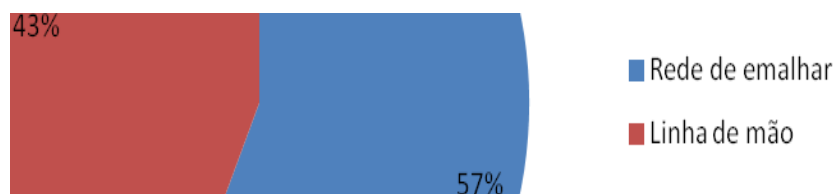


Figura 9.73: Principais apetrechos de pesca utilizados no Município de Brejo Grande.

9.6 Descrição dos aparelhos de pesca

9.6.1 Tarrafa

A tarrafa é um aparelho de pesca de arremesso em formato de cone, confeccionado com linhas de nylon (poliamida - PA) monofilamento. Seu pano é entalhado a um cabo de poliamida (PA) multifilamento em sua parte superior e chumbadas entalhadas em cabo de poliamida na parte inferior, formando a “roda” ou “bolsa” da tarrafa (figura 9.74 a).

A tralha de chumbo possui três funções básicas, são elas: lançamento da tarrafa; sem a chumbada, o pano da tarrafa não venceria com facilidade a resistência do ar; rápido fundeio,

não permitindo a fuga do pescado e o aprisionamento do pescado, pois ao ser puxada pelo pescador o peso tende a se concentrar e prender o peixe.

O formato de cone da tarrafa é garantido pela variação do número de malhas, chamada de “crescência”, inseridas a cada dois círculos normais e cada três malhas no círculo. Assim, os círculos posteriores conterão um número maior de malhas, provocando a sua expansão nas fileiras subsequentes.

A precisão do movimento do pescador garante a abertura da tarrafa ao cair na água (figura 9.74 b), de modo a envolver o peixe por cobertura. Capturado, o pescado (crumatá (xira), piaba, piauí, cará boi, carí e aragú) é retirado com cuidado para não escapar (figura 9.74 c).



Figura 9.74. Lançamento de uma tarrafa: (a) pescador preparando a tarrafa, distribuindo a tralha de chumbo em seu braço; (b) círculo formado pela rede ao cair na água; (c) pescado emalhado no pano da tarrafa.

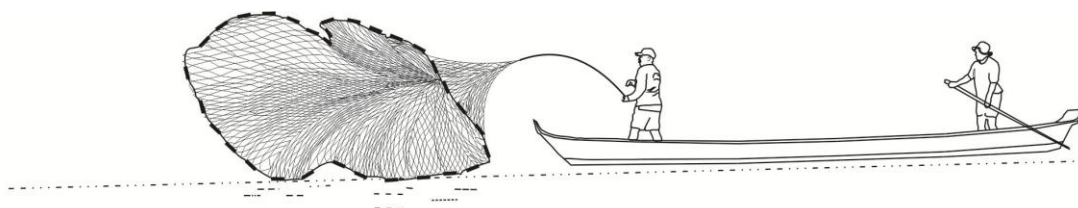


Figura 9.75: Ilustração da operação de pesca com tarrafa a partir de uma embarcação.

9.6.2 Redes de emalhar

São artes de pesca passivas, compostas de panos de rede de formato retangular, com flutuadores (bóias de isopor) em sua tralha superiores e chumbados na tralha inferior, que

possibilitam a sua abertura vertical na coluna d'água. Na região do Baixo São Francisco, são encontradas em duas modalidades principais: a rede de espera e a rede de caceia.

A rede de espera é confeccionada em panos de fios de nylon monofilamento (as panagens são compradas com 100 m de comprimento) e após o entrelaçamento ela fica com pouco mais de 50 m de comprimento por 1,5 - 1,8 m de altura (Figura 9.76).



Figura 9.76: Rede de emalhar estendida para reparo no município de Piranhas-AL.

A figura 9.77 mostra esquematicamente uma rede com malha 12 cm, tipicamente utilizada para captura da xira. A proporção de bóias para chumbadas é de 3/2 (três chumbadas para 2 bóias).

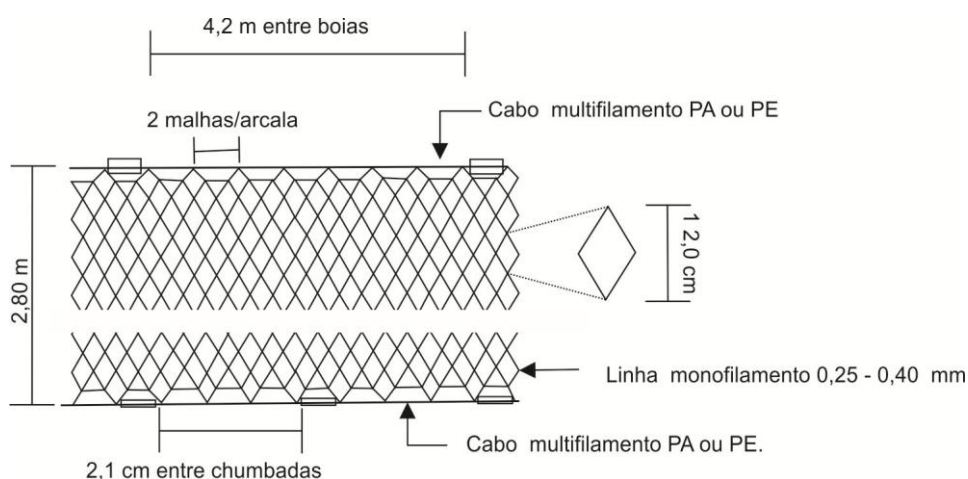


Figura 9.77: Desenho esquemático de uma rede de emalhar, destacando suas dimensões e materiais; a altura da rede também pode ser medida pelo número de malhas que a compõe, no caso de uma rede de malha 12 ou 14 cm, são 26 a 30 malhas na altura.

Em operação (figura 9.78), ela é colocada em áreas de “remanso”, junto à vegetação aquática, de modo a ficar em posição perpendicular à direção do peixe (mesmo sentido do leito do rio), o qual se prende principalmente pelo opérculo.

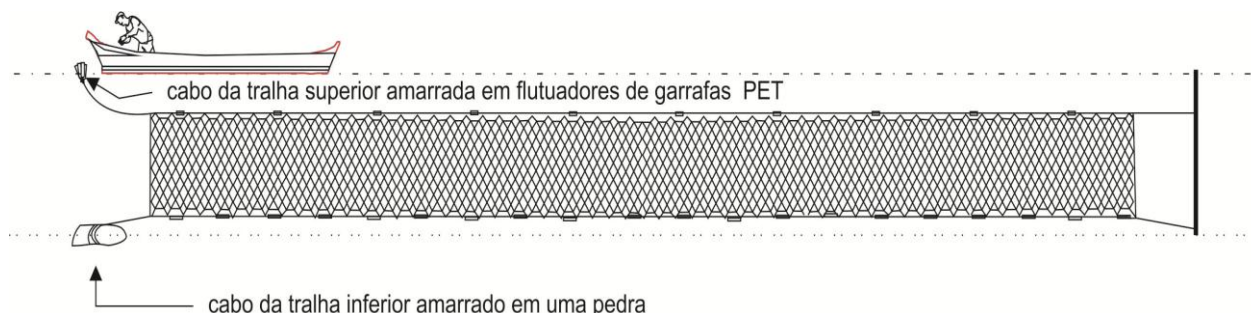


Figura 9.78: Ilustração da operação com rede de espera.

Esse tipo de rede pode ser fundeado com o auxílio de uma garatêia ou pedra (a figura destaca essa possibilidade), e uma bóia garante o posicionamento vertical na coluna d’água. É cada vez mais frequente o uso de garrafas PET com essa função, por apresentar custo nulo e bom poder de flutuação.

Já a rede de caçeia se caracteriza pela presença do “capitão”, galão de plástico entalhado em saco de nylon (Figura 9.78), que atuam como bóia, garantindo que a rede fique à deriva.

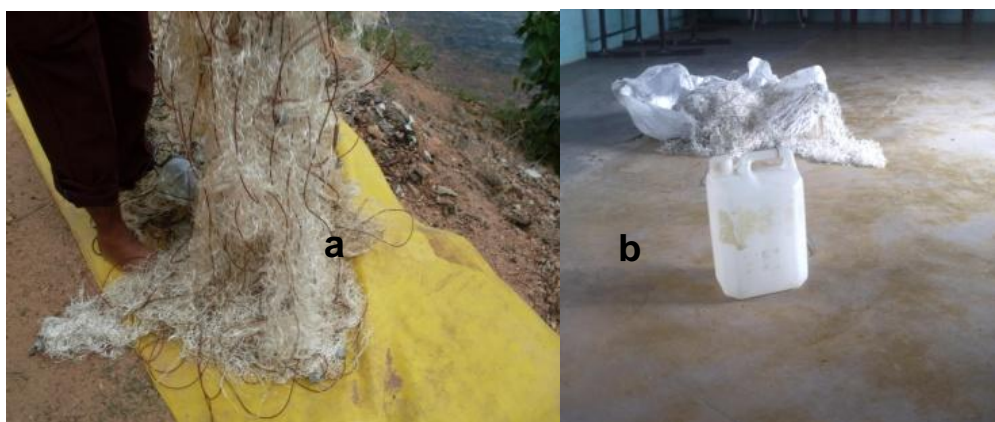


Figura 9.78: (a) Rede de caçeia de nylon seda (PA multifilamento não torcido). (b) capitão de rede de caçeia.

O material do pano da rede é predominantemente o PA monofilamento com algumas de multifilamento, como representado na figura 9.79. As malhas são de tamanhos variados, adaptadas ao tamanho da espécie alvo, cuja lista é bastante diversa: xira, piau, tucunaré, cari, pacu, surubim, corvina, mandims tilápia, piranha, traíra, pacamã, pilombeta, robalo, camurim e etc.

Essa enorme capacidade de adaptação, faz da rede de caceia um aparelho de pesca amplamente utilizado por todo o Baixo São Francisco, podendo ser usada em vários tipos de ambientes (desde as águas represadas de Delmiro Gouveia até a região estuarina da foz), baixo custo de operação (não utiliza isca) e com ampla utilização de materiais de oportunidade, cujas perdas são irrelevantes.

A figura 9.80 mostra um esquema para rede de caceia para captura da pilombeta (malha 2 cm). Que são entalhadas com as bóias respeitando distancias de, 0,50 m de distância entre bóias, com uma proporção de chumbadas é de 1/1 (uma chumbada para cada bóia).

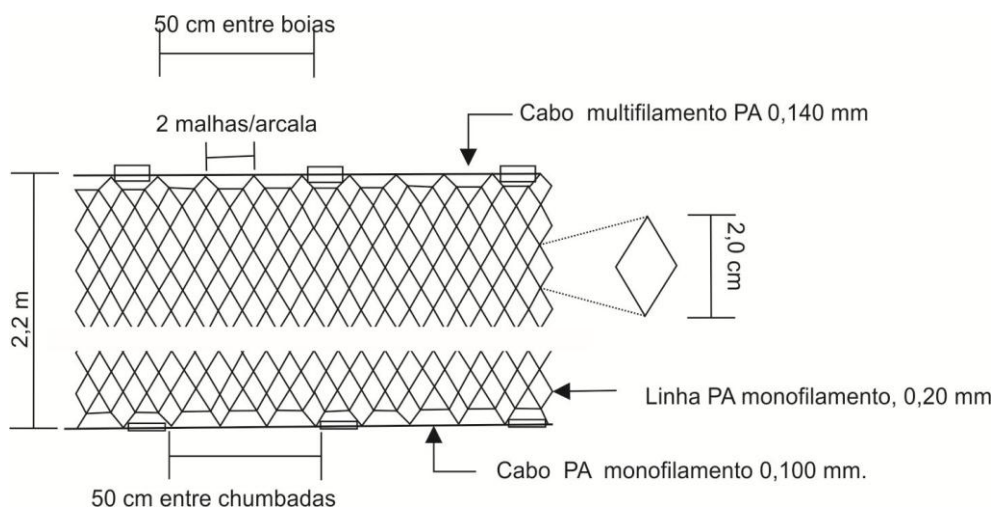


Figura 9.79. Esquema de uma rede de “caceia” utilizada para a captura da pilombeta.

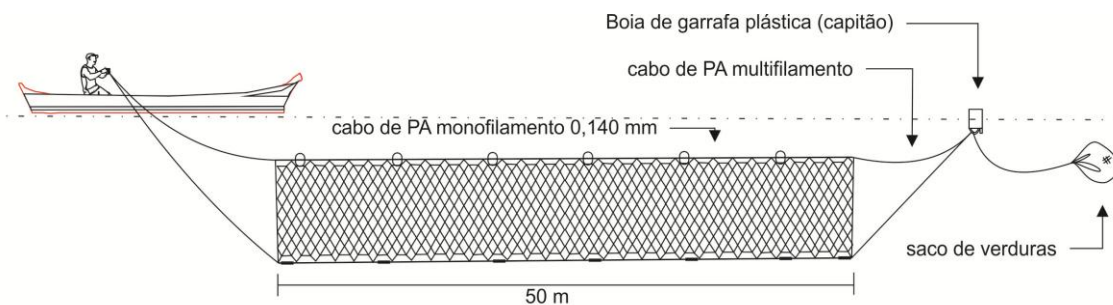


Figura 9.80: Ilustração da operação de uma rede de caceia de pilombeta. Ricardo A. Pereira, 2011.

9.6.3. Covo

Os covos são armadilhas móveis, utilizadas na captura de peixes, crustáceos e moluscos. Apresenta diferentes formas e dimensões. Na região, são encontrados covos de forma cilíndrica, confeccionados em: PVC (figura 9.81 a), vara de mameleiro (figura 9.81 c), garrafas PET (figura 9.81 d), talas de taboca (figura 9.81 e) ou telas de polietileno (figura 9.81 f).

O pescado é atraído quando está em busca de abrigo ou alimento, quando da utilização de iscas, entrando pela sanga – abertura em forma de cone que permite a entrada, mas não permite a saída do pescado (figura 9.81 b) e é retirado pela porta (figura 9.81 a). No Baixo São Francisco, seu uso é fortemente ligado à captura do camarão pitú, porém, muitos peixes são capturados como fauna acompanhante.

Há grandes covos produzidos em varas de mameleiro (figura 9.81 c) que tem como espécie alvo o piau. O covo de garrafa PET (figura 9.81 d) pesca principalmente o lagostim, usado como isca para capturar peixes. Utilizam-se iscas como minhoca, carne de cabeça de gado, caçote (espécie de rã), bolinho de farelo de arroz, peixes pequenos como juvenis de xira ou de tilápia, pedaços de peixe, coco e etc.

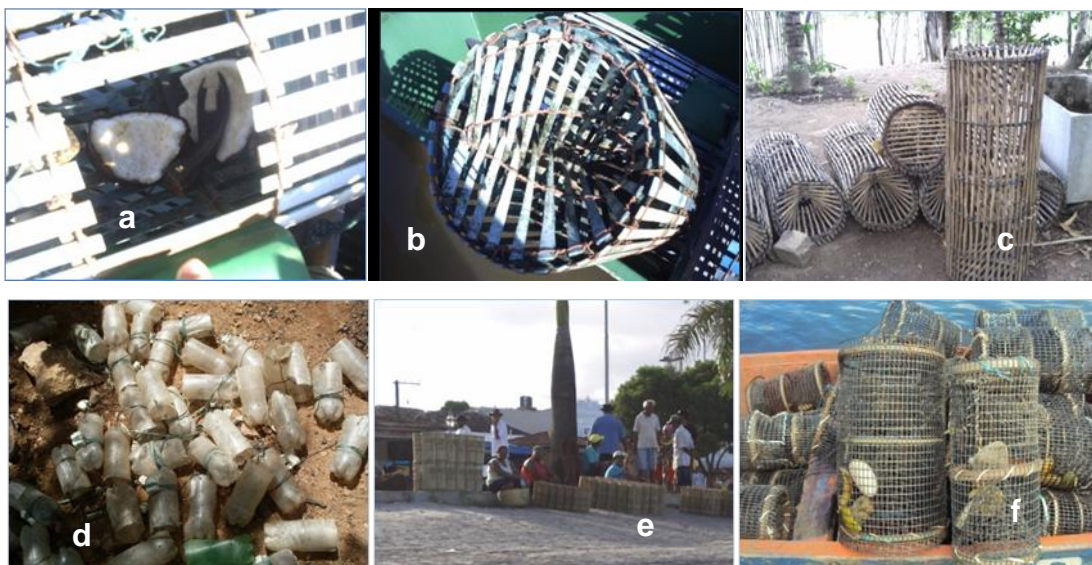


Figura 9.81: (a) Covo em PVC destacando a porta e a presença de iscas (coco e rabo de carí); (b) covo em PVC destacando a sanga; (c) covos de vara de mameleiro, muito utilizados na captura de piau; (d) covo de garrafa PET; (e) artesãos comercializando covos de talas de bambu no centro de Penedo; (f) covos de telas de polietileno (PE).

No Baixo São Francisco o covo é uma arte de pesca que opera em pequenas profundidades, aproximadamente 1,5 m. Por isso, esse tipo de pescaria apresenta problema de roubo de pescado ou do apetrecho. Isso obriga os pescadores a procurarem regiões mais afastadas ou inventar meios de os covos não serem percebidos, por outras pessoas, pescadores ou banhistas. Muitos pescadores já não fazem uso de bóias ou varas nas linhas de covos para a marcação do local de pesca. A figura 9.82 demonstra a o recolhimento de uma “grosseira” de covos.

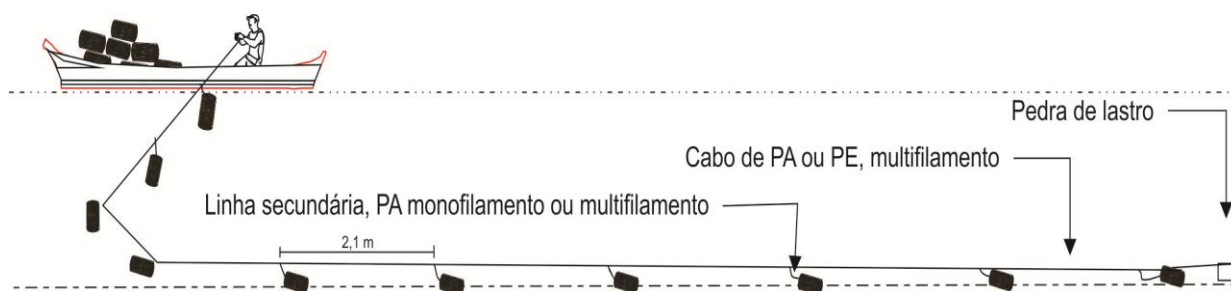


Figura 9.82: Ilustração do recolhimento de covos. A distância de um covo ao outro é relativa ao tamanho do covo, covos grandes são dispostos na linha principal com uma distancia aproximada de 2,0 m. Ricardo A. Pereira, 2011.

9.6.4. Linha de mão

A linha de mão é constituída de uma linha de nylon monofilamento podendo conter mais de um anzol, fixados em linhas menores em sua extremidade inferior. Para manter os anzóis no fundo utilizam-se chumbadas (figura 9.83 (a) e (b)). Na região, o pescador pode usar a linha de mão no barco, à procura de águas correntes, ou na margem do rio, em águas rasas. Alguns pescadores utilizam esse apetrecho enquanto vigiam as redes de emalhar. Podem ser utilizadas iscas artificiais, vísceras de frango, ração de paixe para capturar piau, xira, piranha, tucunaré, robalo, tubarana, xaréu, mamdi e dourado.

Figura 9.83: Linhas de mão compostas por 3 anzóis e uma chumbada, em Delmiro Gouveia (a) e Penedo (b), respectivamente.



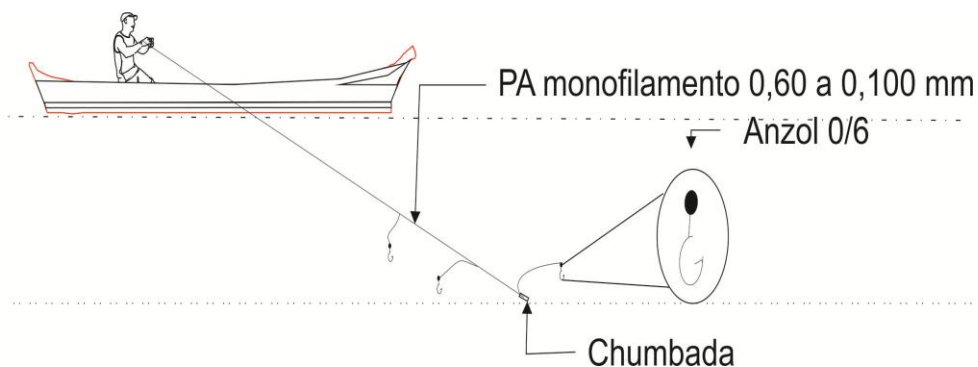


Figura 9.84: Ilustração da operação de pesca com linha de mão utilizada no Baixo São Francisco. Ricardo A. Pereira, 2011.

9.6.5. Vara e anzol

Uma das artes de pesca mais tradicionais, muito praticada de forma amadora na região. A vara de bambu é muito utilizada por mulheres e crianças (figura 9.85 (a) e (b)). Nesse caso, as iscas mais frequentes são as minhocas (figura 9.85 (c)) e o grude de farinha de mandioca, objetivando, principalmente, a pesca da piaba e do piaú.

Em se tratando de vara de molinete (figura 9.85 (d) e (e)), as espécies alvo são: robalos, tucunarés e pirambebas, e as iscas podem ser naturais ou artificiais (figura 9.85 (f)).

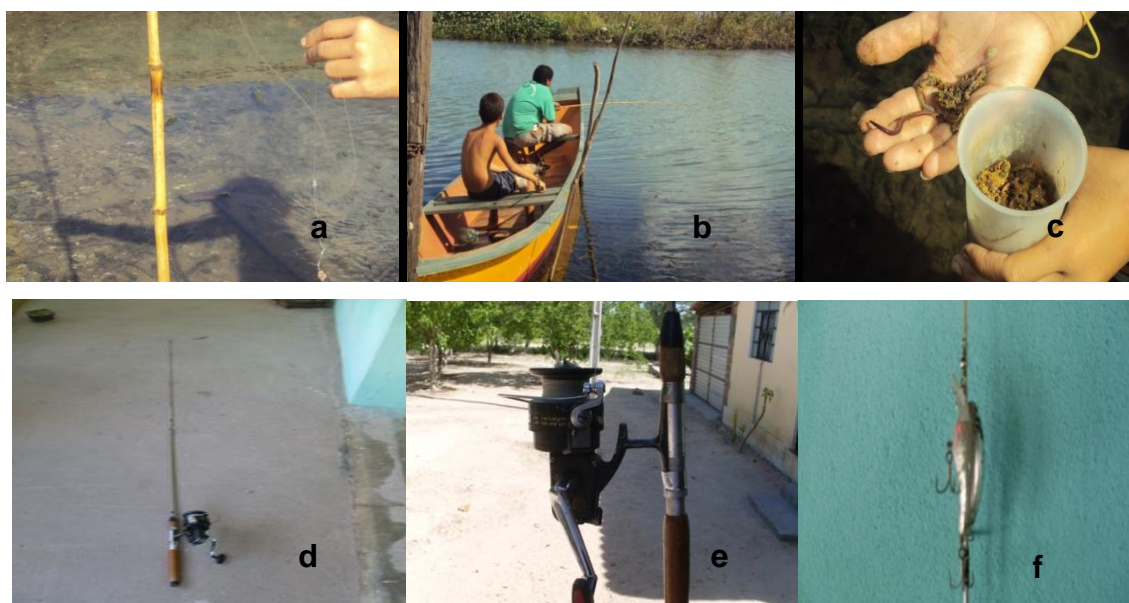


Figura 9.85: (a) vara de bambu; (b) crianças pescando piabas a margem do rio usando um barco como base; (c) a isca mais comum, minhoca; (d) vara de molinete; (e) molinete; (f) isca artificial em forma de peixe, utilizando-se do princípio da atração visual.

9.6.6. Groseira

A groseira é um tipo de espinhel peculiar à região do Baixo São Francisco. É, portanto, um equipamento das artes de linha e anzol constituído de uma linha principal ou a linha mãe, nas quais são fixadas as linhas secundárias, chamadas na região de impus. As linhas secundárias são de diâmetro menor que o da linha principal e são elas que contêm os anzóis e iscas na extremidade. Na região, capturam principalmente piranha, robalo, camurim, piau cutia e pacu. No presente trabalho foram identificados dois tipos de espinhel – de deriva e de fundo.

No primeiro o pescador desloca-se rio acima e desce acompanhando a descida do equipamento com a correnteza. O pescador solta o apetrecho na água por uma das extremidades enquanto tem a outra presa a fim de sentir a fisga do pescado e puxá-lo antes de sua fuga. A figura 9.86 ilustra a operação da grosseira de deriva para a captura de piranha.

O segundo é a groseira de chão usada na captura de piau ou traira (figura 9.86), cuja uma das extremidades é fixada na vegetação da margem do rio, em pedra ou. A linha principal pode ser feita de arame com 30 a 40 anzóis em linhas secundárias que medem até 5 braças. Na margem, o pescador visualiza o espinhel estendido até a correnteza, ou até a outra margem, e segue verificando se fisgou algum peixe a cada 15 ou 20 minutos.

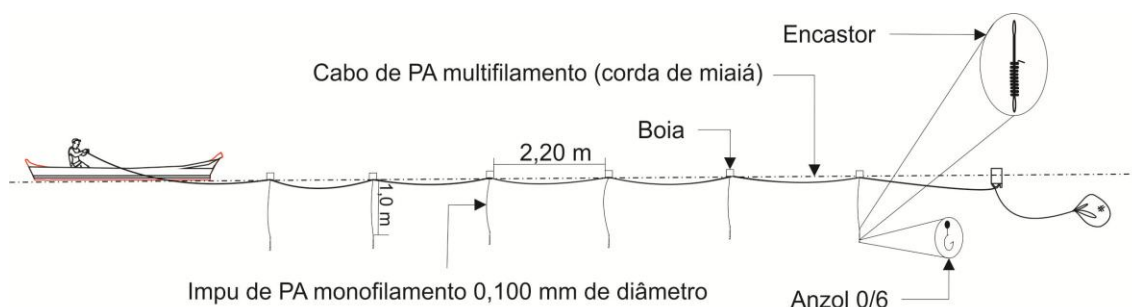


Figura 9.86: Desenho esquemático de uma groseira de deriva. As dimensões descritas são relativas e devem sofrer variações ao longo do BSF. Ricardo A. Pereira, 2011.

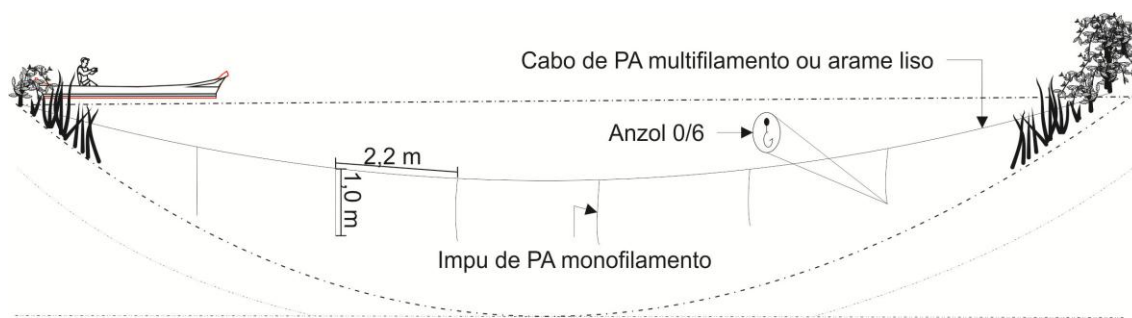


Figura 9.87: Ilustração da operação de pesca com groseira de chão. Ricardo A. Pereira, 2011.

9.6.7. Capitão

Esta arte de pesca foi descrita no povoado Currallinho, município de Poço Redondo – SE. Consiste na amarração de uma linha de nylon em uma garrafa PET que funciona como flutuador. Uma pedra é usada como lastro para fundear o aparelho. Essa pedra é amarrada a alguns centímetros da extremidade inferior da linha onde é fixado o anzol (figura 9.88). Os capitães são espalhados pela área que se deseja pescar, com linhas de comprimento segundo a profundidade do local e tendo como principal objetivo a pesca do piau cutia.

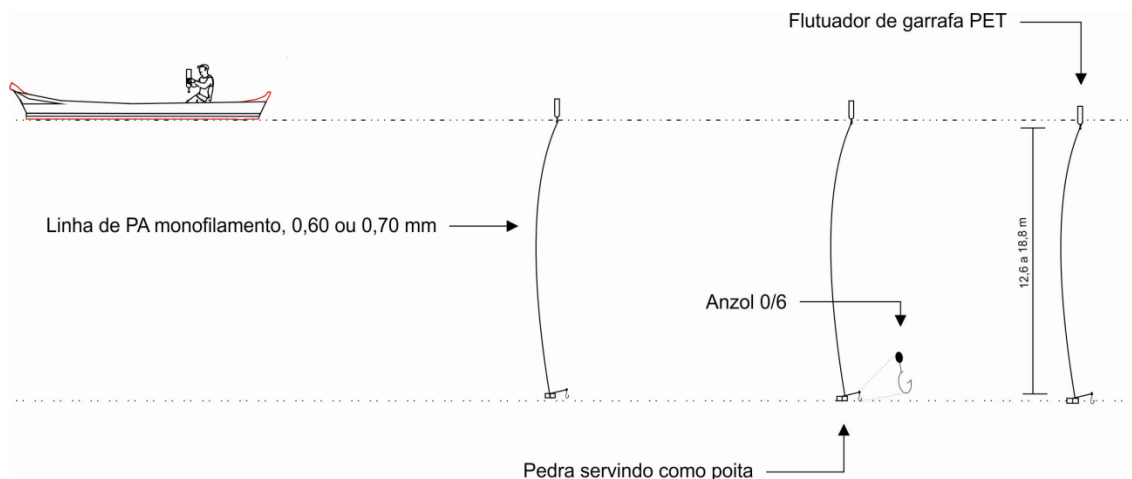


Figura 9.88: Desenho esquemático da pesca com capitão usadas no Povoado Currallinho. Linhas de monofilamento individuais (0,60 ou 0,70 mm), anzóis individuais (0/6), pedra como lastro e garrafa PET como flutuador. Ricardo A. Pereira, 2011.

9.6.8. Currais ou chiqueiros

São armadilhas fixadas através de estacas, instaladas na região intermareal, de modo que os peixes sejam levados pela corrente quando a maré esta cheia, quando ela vaza, os peixes ficam retidos. Na região, a sua abertura fica voltada para a margem, usam-se iscas para atrair os peixes, bandas de coco, como em Ilhas das Flores – SE, presas e suspensas por linhas de nylon que ajudam na identificação da presença do pescado. Quando as linhas de nylon estão em movimento característico da presença dos peixes, o pescador fecha a porta do curral, espera a maré abaixar e despesca com auxílio de um jeréré.

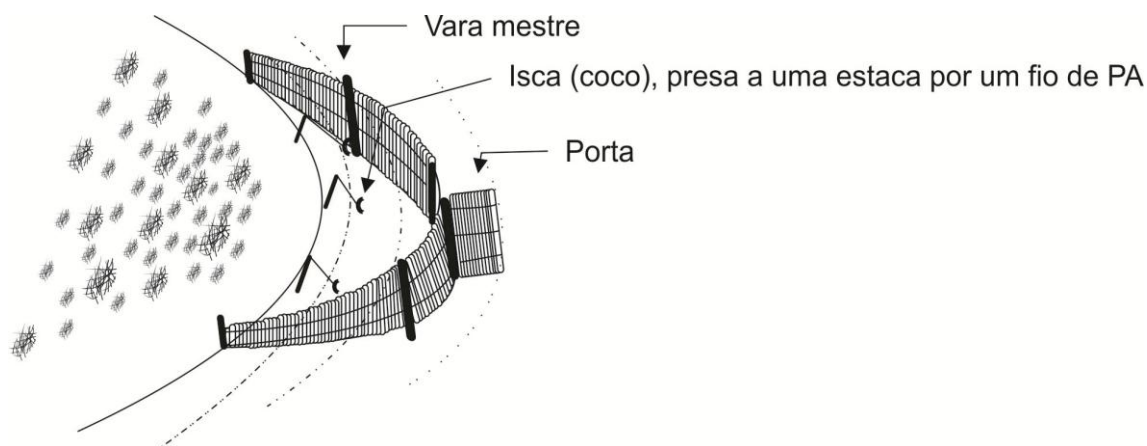


Figura 9.89: Ilustração de um curral utilizado pelos pescadores do BSF. Ricardo Pereira, 2011.

9.6.9. Rede de arrasto

No Baixo São Francisco foram encontrados dois tipos principais de rede de arrasto, rede de arrasto de crôa (figura 9.90) e rede de calão. Também conhecida como rede de pegar “aratanha”, camarão de pequeno porte também chamado de saburica. Consiste em uma rede de arrasto simples com panagem de multifilamento ou monofilamento. O pano da rede pode ser industrializado ou feito pelos próprios pescadores. A malha é de 1 cm, aproximadamente, e como seu uso é restrito à áreas de águas rasas, operacionalidade da margem, seu formato retangular possui altura não muito superior a 1,6 m. Sua posição perpendicular à linha d’água é possibilitada pela presença de duas varas entalhadas por cabo multifilamento nas extremidades, o calão, como uma espécie de “mangote” (rede de

arrasto de praia operadas por apenas duas pessoas) (figura 9.90 a). A chumbada é necessária para evitar a fuga dos peixes por baixo da rede (figura 9.90 b).



Figura 9.90: (a) Essa rede de arrasto pode ser chamada de rede de calão, nome dado as varas entalhadas que servem de cabo para a condução do arrasto ou rede de pegar arantanha, principal espécie alvo; (b) a chumbada serve para que o camarão não escape com facilidade por baixo da rede, se enterrando na lama.

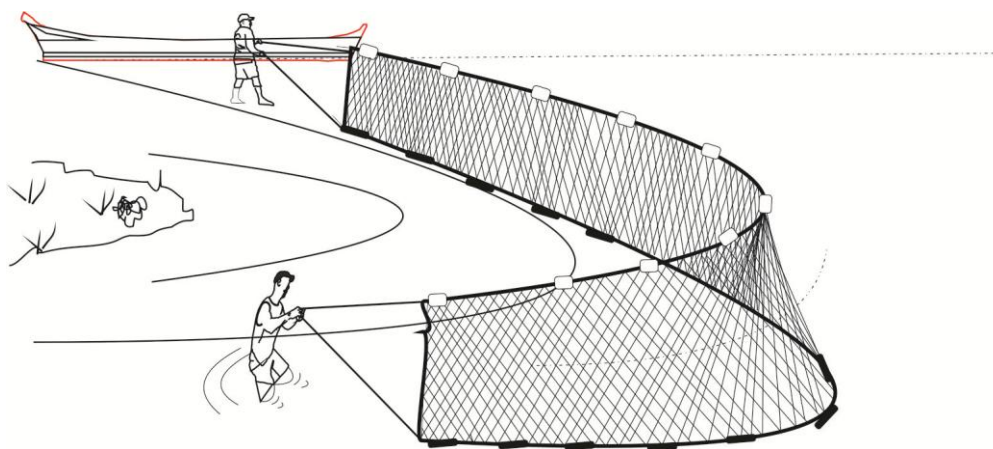


Figura 9.91: Ilustração da operação de pesca com rede de arrasto de croa. A estrutura cônica da parte central da rede corresponde ao saco da rede, parte para onde o peixe nada tentando escapar e, dependendo do tamanho do peixe, é emalhado. Ricardo A. Pereira, 2011.

9.6.10. Cuvu

Segundo Ramos (2001) o cuvú é um apetrecho primitivo conhecido em várias partes do mundo. É uma estrutura cônica, construída com varas de velande, ou talas de taboca,

amarradas entre si com arame ou cipó. O raio de ação se restringe a boca inferior do aparelho, que tem entre 50 e 60 cm de diâmetro (figura 9.92).



Figura 9.92: Foto de um cuvu tirada no município de São Braz. Foto: Ricardo A. Pereira, 2011.

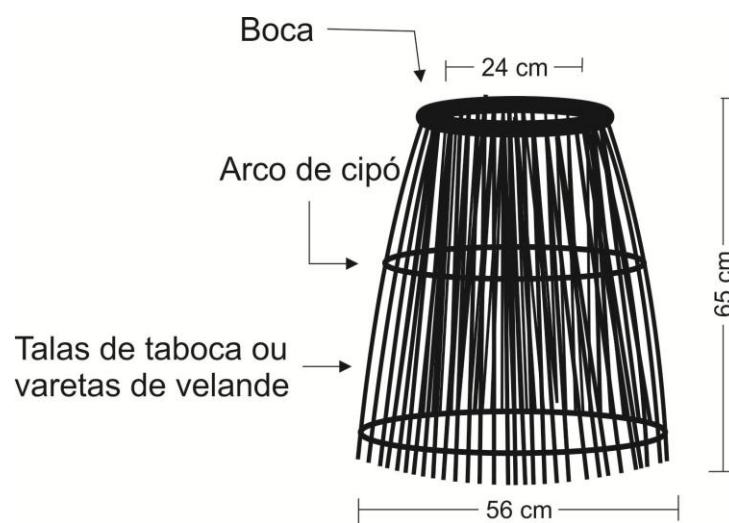


Figura 9.93: Desenho esquemático de um cuvu. Ricardo A. Pereira, 2011.

Para operar essa arte, o pescador precisa visualizar o peixe e lançar o equipamento antes que ele escape. Com a mão, pela boca superior do cuvú, o peixe é então retirado (Figura 9.94), o que representa risco de acidente, visto que é possível capturar traíras, pirambebas e piranhas com este apetrecho.

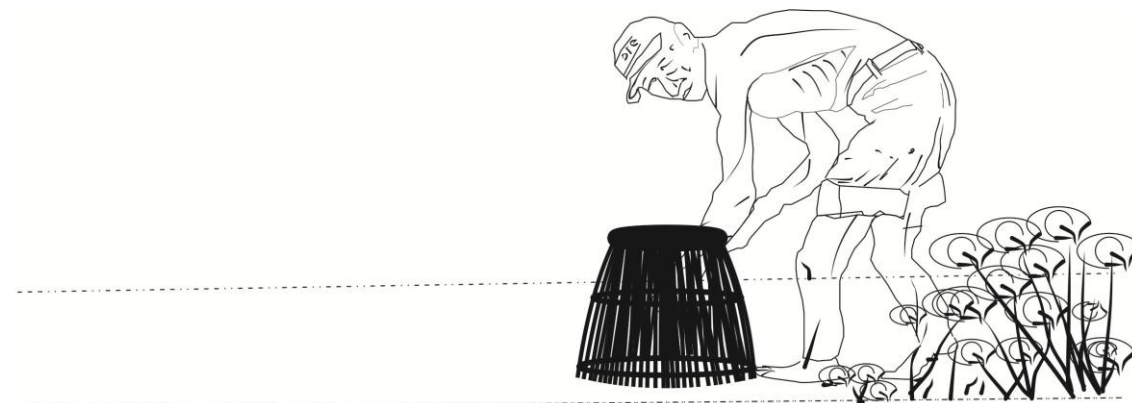


Figura 9.94: Desenho esquemático da pesca de cuvú. Ricardo Pereira, 2011.

9.6.11. Jereré

No Baixo São Francisco, o jereré pode ser encontrado em forma de meia lua (figura 9.95 “A”) ou circular, provido ou não de um cabo de madeira (figura 9.95 “B”), confeccionadas em madeira de velandi. É comum encontrar malhas 1 e 2 cm, medidas de nó a nó oposto, em linhas de nylon ou algodão as espécies alvos são saburica, camarão e peixes de pequeno porte. Quando provido de cabo pode ser chamado de puçá (figura 9.96) e é muito usado no auxílio da captura de piau – em chiqueiro; ou traíra – na pesca com bóia de espeto.

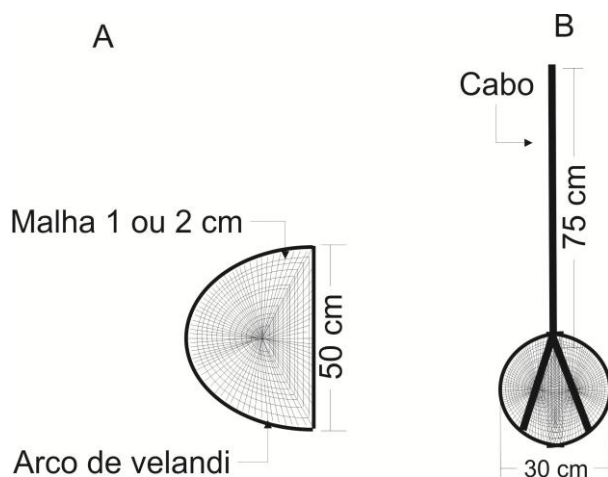


Figura 9.95: Caracterização técnica do jereré. Ricardo Pereira, 2011.



Figura 9.96: Puçá utilizado na pesca da traíra com bóia de espeto. Foto: Ricardo Pereira, 2011.

Esse tipo de apetrecho é utilizado em áreas rasas (figura 9.97), junto a vegetação tendo como alvo a “saborica” ou “aratanha” (pequenos camarões de água doce), o camarão e o piau.

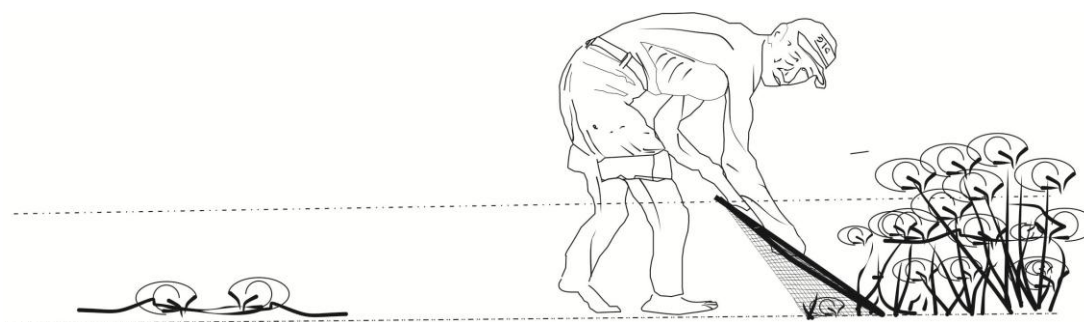


Figura 9.97: Desenho esquemático da pesca com jereré. Ricardo Pereira, 2011.

9.6.12. Boia de espeto

Arte registrada no município de São Braz, constituída de uma bóia de isopor, linha PE ou PA (monofilamento ou multifilamento), borracha de câmara de ar de pneu e espeto de arame liso (figura 9.98). Anzóis podem ser usados no lugar dos espetos.

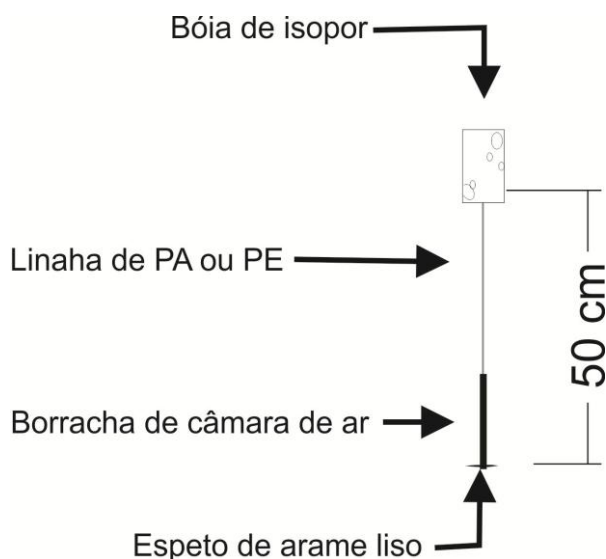


Figura 9.98: Caracterização da bóia de espeto de traíra.

São colocadas iscas, preferencialmente pequenos peixes, dispostas no espeto de modo a atrair a presa e esconder o espeto que é engolido pelo peixe, fisingando-o pelo trato digestório.

As boias podem ser entalhadas em uma linha principal, amarradas na vegetação da margem do rio ou espalhadas individualmente pela margem (figura 9.99). Assim, esse tipo de apetrecho não é operado em regiões mais profundas que 1 m, visto ser necessário o uso de um puçá no recolhimento do pescado para evitar que a isca seja regurgitada pelo peixe.

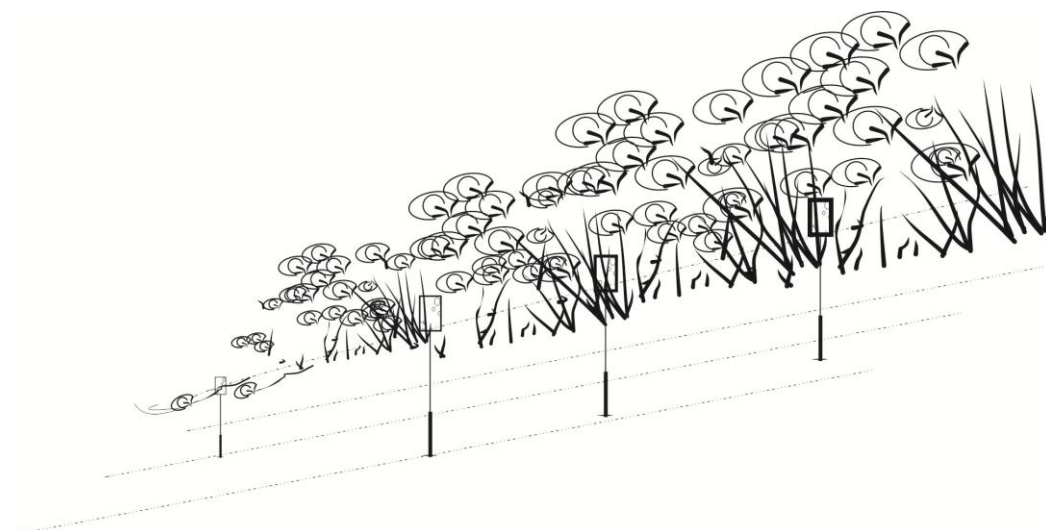


Figura 9.99: Desenho esquemático da pesca com bóia de espeto. Ricardo Pereira, 2011.